



**Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento - PED**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero

TRABALHO FINAL DE CURSO

**AVALIAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS EM
UMA CLASSE HOSPITALAR:
UMA PESQUISA DE INTERVENÇÃO**

Apresentado por: Adriana Maria Arantes Leme da Silva

Orientado por: Profa. Dra. Denise de Oliveira Vieira

BRASÍLIA, 2013

Resumo

O presente estudo descreve uma pesquisa de intervenção psicopedagógica em que as interlocuções foram desenvolvidas de modo a instigar as duas participantes a observar, a falar, a debater e a propor ações para melhoria de sua própria prática pedagógica desenvolvida com crianças e jovens hospitalizados em uma Enfermaria de Pediatria. Os resultados da avaliação inicial indicaram um ensino marcado pela transmissão de conhecimentos; ausência ou pouca qualidade na realização de planejamento, avaliação e sistematização do atendimento realizado, caracterizado também por pouca inserção de recursos lúdicos na mediação dos conteúdos escolares. A partir disso foram realizadas seis sessões de intervenção psicopedagógica, todas articuladas entre si quanto aos achados, objetivos e procedimentos. Durante as mesmas, as participantes mostraram-se cada vez mais conscientes, ativas e autônomas na reconstrução de conceitos e competências para o desenvolvimento da prática pedagógica. O que nos permite considerar que houve impulso na formação continuada de todas as envolvidas no processo de realização do presente trabalho. E no papel deste tanto para o levantamento de informações sobre a prática docente em hospitais, como, em alguma medida, para o desenvolvimento dos procedimentos psicopedagógicos da realidade estudada.

Palavras-chave: psicopedagogia; pesquisa de intervenção; procedimentos pedagógicos; classe hospitalar; prática pedagógica.

Índice

I -Colocação do Problema	4
II- Fundamentação teórica	6
III -Método de Intervenção	11
3.1.Instituição	11
3.2. Procedimentos adotados (descrição geral)	15
IV -A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção	15
4.1. Avaliação psicopedagógica	15
Sessão de avaliação psicopedagógica 1.....	15
Sessão de avaliação psicopedagógica 2	16
Sessão de avaliação psicopedagógica 3	16
Sessão de avaliação psicopedagógica 4	17
4.2. As sessões de intervenção	19
Sessão de intervenção psicopedagógica 1	19
Sessão de intervenção psicopedagógica 2	24
Sessão de intervenção psicopedagógica 3	29
Sessão de intervenção psicopedagógica 4	34
Sessão de intervenção psicopedagógica 5	38
Sessão de intervenção psicopedagógica 6	41
V - Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica	42
VI - Considerações finais	44
VII - Referências bibliográficas	46
VIII –Anexos	48

I - Colocação do Problema

O Serviço de Pedagogia da Pediatria Clínica do Hospital Universitário de Brasília da Universidade de Brasília, HUB/UnB, desenvolve atendimento lúdico-pedagógico nas modalidades de Brinquedoteca* e Classe Hospitalar** a crianças e jovens de um mês a dezoito anos, que são pacientes na instituição devido a doenças crônicas de maneira geral. Seus acompanhantes também fazem parte das estratégias desenvolvidas, ou seja, do planejamento e execução do trabalho pedagógico.

Os objetivos do referido Serviço relacionam-se ao direito a saúde e educação dos pacientes pediátricos hospitalizados. Nesse sentido, buscam otimizar processos de aprendizagem, desenvolvimento e qualidade de vida e mais especificamente, colaborar no enfrentamento da doença e hospitalização bem como na redução de possíveis atrasos na escolarização dos alunos, devido a freqüentes afastamentos da escola e outras adversidades relacionadas ao adoecimento e tratamento hospitalar.

Relatos de membros da equipe pedagógica, da equipe multiprofissional, de pacientes e acompanhantes, bem como de observações e estudos realizados na instituição, indicam que os procedimentos pedagógicos realizados contribuem para o aumento da auto-estima, da socialização, da expressão, da adaptação ao ambiente hospitalar e ao tratamento, da autonomia, da criatividade, da motivação na realização de atividades propostas e na diminuição do estresse.

O fato de fazer parte dessa equipe de atendimento pedagógico hospitalar na condição de coordenadora do Serviço, permite considerar que tem havido também um contato cada vez maior com as escolas de origem da criança no intuito de facilitar seu acompanhamento escolar e o desenvolvimento de ações constantes da equipe de Pedagogia para a efetivação do trabalho com os conteúdos escolares, que é o foco da chamada Classe Hospitalar, modalidade que o Serviço de Pedagogia também oferece, além da Brinquedoteca. Essas ações se traduzem na organização de espaço físico, de recursos e procedimentos que visam dar andamento à escolarização dos pacientes, mesmo na condição de internação, seja por curto ou longo período. Dessa forma,

*Lei nº11.104, de 21 de março de 2005.

** Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações./Secretaria de Educação Especial - Brasília: 2002.

atualmente, o Serviço conta com uma sala e horários disponíveis para “as aulas” com as crianças e jovens; existe um pequeno acervo de materiais pedagógicos como livros, jogos, brinquedos, materiais de sucata e escolares diversos, como papéis, tintas, colas, régua, lápis, etc.

No último ano, a equipe, que é composta de uma Pedagoga e duas Auxiliares, que são estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, passou a fazer uma reunião pedagógica por semana a fim de planejar e avaliar a prática pedagógica e os procedimentos envolvidos. Apesar dos avanços ocorridos, como o estabelecimento de horários e local específico para os encontros com as crianças; uma melhor comunicação com as escolas de origem dos alunos atendidos; desenvolvimento de estratégias relacionais e dialógicas com os alunos e acompanhantes, que comumente estimulam a vontade de participar dos “momentos de estudo” e da existência de relatos de otimização na escolarização de alguns alunos(as) atendidos(as), há por outro lado, questionamentos a respeito da efetividade desse atendimento escolar. Ainda há casos de fracasso escolar entre pacientes atendidos; existe pouca troca de informações entre a equipe de pedagogia, de saúde, multiprofissional e as escolas. E, sobretudo, percebe-se dificuldades no desenvolvimento e sistematização de informações e procedimentos que sirvam como instrumentos de avaliação e promoção de aprendizagem escolar; particularmente no que refere-se à utilização de recursos lúdicos nesses processos. Como defende Matos e Mugiatti (2008, p.147), “diante do exposto, há que se proporcionar às crianças e adolescentes enfermos, além de atividades lúdicas, melhores condições que atendam efetivamente a sua manutenção escolar, diante do quadro que evidencia um cenário marcado de abandonos escolares e de limitações da própria escola em atender esses alunos com necessidades específicas.” De acordo com Covic e Oliveira (2011, p.61), apesar da importância “da oferta atividades recreativas nos hospitais e programas de educação para a saúde (...) chama a atenção a ênfase nessas questões e, em contrapartida, o silêncio dedicado aos desafios do acompanhamento curricular em um locus tão distinto da escola regular”.

No intuito de compreender e atuar de forma mais efetiva, portanto, nos processos de desenvolvimento dos conteúdos escolares junto a alunos hospitalizados na Pediatria Clínica do HUB/UnB, foi que busquei o Curso de Psicopedagogia da Universidade de Brasília. O mesmo oportunizou realizar a presente pesquisa de

intervenção psicopedagógica, em nosso campo de trabalho, que é o do atendimento escolar hospitalar. Nesse sentido, nosso objeto de estudo e intervenção foi identificar e compreender os procedimentos pedagógicos institucionais utilizados nessa enfermaria, voltados para a mediação dos processos de aprendizagem escolar das crianças atendidas. Mais particularmente verificar se tais procedimentos estavam sendo eficientes e eficazes para mediar a construção das estruturas psíquicas relativas à aquisição do conhecimento formal e desenvolver na equipe, competências para desenvolver a autocrítica necessária para o controle e ressignificação, após sua identificação. Assim, as intervenções envolveram o desenvolvimento de competências, nas mediadoras, com vistas à qualidade do atendimento escolar ofertado.

II - Fundamentação Teórica

Para Ochoa (1996, p.116-117), “a simbiose de pedagogia e psicologia que vem a chamar-se psicopedagogia, como em outros muitos campos científicos, e profissionais, supõe uma linha de trabalho e investigação orientada claramente para a sistematização. O perfilamento e a precisão dos processos de intervenção pedagógica requerem uma ajuda especializada (...) notadamente aos casos em que o desenvolvimento normal dos educandos padece ou começa a padecer algumas das patologias da educação. Impõe-se aí, uma investigação mais aprofundada desses problemas, com a utilização de técnicas pedagógicas e psicossociais que possam se ajustar às circunstâncias da enfermidade e da hospitalização.”

Matos e Mugiatti (2008), ao falar da Pedagogia Hospitalar, apontam que “tal pretensão, no entanto, traz consigo a necessidade de complexas discussões de fundo ético, filosófico e epistemológico, considerando cada caso como único e irrepetível, envolvendo sua melhor forma de atendimentos, com vistas a uma qualificada inovação de seus procedimentos” (p.15). Para esses autores, o objetivo “das equipe de saúde, estando aí incluído o pedagogo, é o de oferecer atendimento à criança e ao adolescente enfermos. Daí a importância dos fatores sociais e psicopedagógicos que envolvem o problema em questão” (p.61). Sendo que “este novo papel com que se depara a Pedagogia Hospitalar compreende os procedimentos necessários à educação” dessas crianças e jovens hospitalizados (p.67).

O estudo de Encomienda e Medina (2011), trata de decifrar o sentido da Psicopedagogia no contexto hospitalar espanhol, tendo como objetivo específico, discutir uma formação adequada para o profissional da Educação e da Psicopedagogia Hospitalar, identificando competências profissionais. Foram utilizados autores que discutem as práticas educativas em ambiente hospitalar. E o referencial teórico foi articulado de maneira a evidenciar, por um lado, o direito de todos à educação, particularmente grupos em situações adversas para aprendizagem, como as crianças e jovens hospitalizados.

Cabe citar que no Brasil, o direito à educação de maneira geral e a prestação de atendimento educacional em hospitais tem respaldo legal, de acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988; Direitos da criança e do adolescente hospitalizado, de 1995; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996; Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, 2001; Conselho Nacional de Educação, Resolução nº 2 de 11/09/2001 (Brasil, 1988; 1995; 1996; 2001).

Os autores citados defendem a ação educativa e psicopedagógica hospitalar como promotoras de bem estar, qualidade de vida, adaptação ao ambiente, desenvolvimento, enfrentamento da doença e da hospitalização, e retorno a vida normal, com o que colabora o acompanhamento curricular da escola de origem do aluno hospitalizado. O estudo apresenta a partir disso, contribuições acerca de princípios que devem nortear a atenção e prática psicopedagógica e educacional nas “aulas hospitalarias”. Citam, em meio a outras atividades básicas que devem acontecer nesse contexto, a formulação de objetivos gerais e individualizados segundo as necessidades escolares de cada sujeito, efeitos biopsíquicos da enfermidade e fatores psicossociais da hospitalização. E daí, o desenvolvimento de atividades de ensino-aprendizagem mais adequadas a esses objetivos e que podem, segundo eles, ser classificadas em dois grandes grupos: atividades educativas e atividades lúdicas. Estudos que envolvem a compreensão dos recursos lúdicos no desenvolvimento e na educação (Oliveira, 2002; Cordazzo e Vieira, 2007; Quaresma, 2009; Queiroz, Maciel, Branco, 2006; Silva, Dias e Abreu, 2003; Pedroza, 2005) apontam que através de atividades utilizando jogos, brinquedos e brincadeiras, desperta-se a participação ativa dos indivíduos, com motivação e prazer, o que por sua vez, “abre zonas de desenvolvimento proximal”

(Vigotski, 1984), e impulsiona processos de auto-confiança, imaginação, representação, linguagem, criatividade, socialização, bem-estar, subjetividade, aprendizagem, enfim, desenvolvimento humano. Para Wallon (2007, p.58), existe relações entre o brincar e a “dinâmica e a gênese da atividade total”; “o aperfeiçoamento destas ou daquelas disponibilidades funcionais” (p.59). O brincar, para ele, é “a atividade própria da criança (...)” (p.54).

Como foi citado anteriormente, Encomienda e Medina (2011) discutem também a importância do desenvolvimento de competências para o que chamou de “intervenção psicodidáctica em hospitais”. Dentre elas, a capacidade de resolução de problemas e desafios relacionados ao campo didático-pedagógico e político-institucional, ou seja, à prática profissional. Enfatizam também uma questão que consideram central para manter o nível de aprendizagem dos alunos e alunas em ambiente hospitalar: que os profissionais que atendem esses alunos possuam uma boa preparação, que diz respeito à formação inicial e aperfeiçoamento. É nesse sentido, que o presente relatório de pesquisa de intervenção psicopedagógica pretende contribuir.

Considerando a complexidade e diversidade na constituição histórica, cultural, social, e, portanto, psicológica, das pessoas envolvidas nos processos pedagógicos, (particularmente da equipe responsável pelos serviços disponibilizados), assim como suas concepções de doença, saúde, brincar, hospitalização, hospital, escola, atividade, pedagogia, psicologia, desenvolvimento, aprendizagem, torna-se importante compreender como tais indivíduos percebem o atendimento que realizam, o que se articula com as suas concepções e com a própria prática proposta. Ao referir-se à área da Psicologia, Bock (1997), por exemplo, defende a idéia de que as teorias e práticas dependem das concepções sobre homem, o fenômeno psicológico e portanto, sobre a própria Psicologia. O mesmo, podemos dizer, das demais áreas, como a Pedagogia e Psicopedagogia.

A autora discute as duas visões de homem. Uma, a liberal, segundo ela, dominante; em que predomina uma visão naturalista de desenvolvimento humano, desconsiderando o meio cultural e social. Sua implicação para a prática psicológica é a “ênfase na doença, nas dificuldades, nos desequilíbrios e desajustes”, pois “o fenômeno psicológico” é inerente ao indivíduo, tão somente. Nessa perspectiva, a intervenção psicológica, e, podemos pensar, psicopedagógica, é voltada para a cura do sujeito. Por

outro lado, a visão sócio-histórica propõe uma mudança de paradigma teórico e prático, defendendo o homem e o fenômeno psicológico como históricos, que se constituem permanentemente nas relações com o mundo social e físico. Dessa forma, faz sentido considerar como instrumentos de avaliação e intervenção psicopedagógica, o complexo sistema relacional dialógico que se passa na instituição, seja ela, na escola, no hospital, na família, e no próprio processo psicopedagógico.

Na mesma perspectiva, Fávero (2011) defende a abordagem psicológica e a própria intervenção psicopedagógica, numa visão de desenvolvimento humano como um processo complexo e dinâmico, construído de maneira dialética entre a interação do indivíduo com a sociocultura. Isto é, o homem modifica permanentemente o meio em que vive e, portanto, a si próprio. E modificando-se, interage de maneiras diferentes com o ambiente em cada período da vida. Evolução mediada especialmente por sistemas de signos. Ora, de acordo com a própria autora, tal concepção implica em considerar que existe reciprocidade entre “regulações cognitivas” e “regulações sociais”, e portanto, entre “mediação semiótica” e constituição psicológica dos sujeitos. O que significa dizer que os discursos e as práticas sociais têm implicância no “funcionamento mental do indivíduo” (Fávero, 2011). Tal abordagem psicológica é, como citaram Fávero e Oliveira (2004), otimista, pois ao ser tomada como fundamento para educação e prática psicopedagógica, possibilita intervir na construção e reconstrução cognitiva e meta-cognitiva dos sujeitos implicados nos processos de ensino-aprendizagem e intervenção psicopedagógica. Dessa forma, Fávero (2000) aponta a necessária interação dialógica no processo de intervenção, levando em conta a participação ativa das pessoas envolvidas nessa regulação sócio-educativa. Ao mesmo tempo, defende a realização sistemática de análise dos “atos da fala” como procedimento que mostra o desenvolvimento e a tomada de consciência dos sujeitos; e um movimento constante, em cada sessão, de avaliação e planejamento, com objetivos específicos de acordo com as análises acerca da própria interação comunicacional; dos instrumentos utilizados, e os processos de construção cognitiva e afetiva dos participantes. Tudo isso demonstra, portanto, o caráter teórico-metodológico imbricados, inclusive no que se refere ao método, criado permanentemente a partir da complexa relação entre os envolvidos, de maneira que implique em desenvolvimento, aprendizagem e tomada de consciência permanente dos mesmos. Oliveira (2008), ao realizar uma pesquisa de intervenção

psicopedagógica com professoras, defendeu a importância dessa proposta metodológica como forma de promover não apenas a interlocução entre os sujeitos da pesquisa, mas a transformação das mesmas, em relação à prática profissional que realizavam. E portanto, ser instrumento pertinente para formação continuada de profissionais de diversas áreas de atuação.

Considerando que as participantes da presente pesquisa de intervenção são professoras que realizam a mediação de conceitos escolares, o trabalho de Pina Neves e Fávero (2012), envolvendo professores e o ensino e aprendizagem de matemática, nos traz também importantes contribuições tanto no que tange à questões metodológicas da intervenção psicopedagógica, na perspectiva que estamos assumindo, como acerca de subsídios para discutir a prática do ensino e aprendizagem da matemática, propriamente. De acordo com elas, há dificuldades conceituais por parte dos alunos mas também dos professores nesse campo do saber, no que refere-se a significar as dúvidas dos alunos e planejar ações para superá-las. Nesse sentido, defendem a importância da pesquisa e intervenção que compreenda e atue também no âmbito de suas crenças, concepções e atitudes (p.50-51). Tanto para a prática pedagógica dos professores como para a pesquisa e intervenção com profissionais adultos, por exemplo, atentam para a necessidade da avaliação sistemática alimentar a intervenção. Sendo que esta avaliação deve contemplar não apenas resultados esperados, mas o processo: avaliação de competências e dificuldades dos alunos e professores; a sistematização da prática de mediação, em relação aos objetivos e atividades propostas; e análise da atividade, que contemple as sequências de ações, os significados das mesmas e a especificidade das mediações realizadas. Nessa pesquisa de Pina Neves e Fávero (2012, p.62), “os professores (...) foram provocados a observar e a analisar suas práticas”.

Saiz (1996) sugere que a atividade reflexiva pode melhorar a compreensão de noções e eficiência das aprendizagens, visto que existem muitas diferenças entre grupos de alunos em relação ao nível de desenvolvimento dos conceitos envolvidos. Segundo ela, existe uma tendência a economia, seja no ensino como na aprendizagem, que favorece, por exemplo, o recurso do algoritmo versus a capacidade de imaginar diferentes possibilidades de resolução dos problemas e controle dos resultados (p.168). O que contribui para um baixo nível de aprendizado nesse campo do saber.

A autora defende a importância da estruturação do raciocínio (esquemas), como requisito indispensável de todo problema. E aponta que na escola, não há análise e facilitação a essa estruturação. A apresentação dos dados dos problemas, segundo a autora, contribuem para sua compreensão e está repleta de significação dos alunos. Para ela, apesar da enorme evolução dos algoritmos; da existência de um extremamente eficaz e rápido, válido para todos os números, persistem dificuldades por parte de alunos, mas também professores. Os resultados da sua pesquisa indicaram que os alunos “não atribuem significado ao algoritmo que aplicam, portanto não podem interpretar o que obtiveram (...). O algoritmo ensinado aparece (...) independente dos dados da situação enunciada (...), sem mobilização dos esquemas intelectuais (...)”. (p.170). Conclui que é necessário uma reflexão e ação por parte dos professores no que se refere ao ensino das operações. Sua didática deve envolver situações problemas contextualizadas, que promovam reflexão e imaginação; que mobilizem os esquemas cognitivos, permitindo acompanhamento do alunos ao longo do processo, avaliando as operações e estratégias utilizadas, bem como os resultados.

Cabe pesquisar, portanto, a didática e as estratégias de mediação desenvolvidas junto aos alunos e alunas e intervir junto às professoras da equipe de Pedagogia da Pediatria Clínica, no sentido de avançar na complexidade dos procedimentos utilizados com vistas à construção de conhecimentos por parte dos alunos e alunas envolvidas.

III - Método de Intervenção

3.1. Instituição

Essa pesquisa foi realizada na Pediatria Clínica do Hospital Universitário de Brasília – HUB, sendo autorizada pela chefia imediata da instituição.

A partir de levantamento de informações sobre os procedimentos lúdico-pedagógicos oferecidos nesta Enfermaria de Pediatria, através de entrevistas com antigos profissionais que os executaram ao longo de sua existência desde a implantação, esse tipo de atendimento no HUB, parece ter se dado inicialmente de forma marcadamente assistencialista e recreacionista.

Segundo esses relatos, o objetivo e conseqüentemente, o foco do trabalho que passou a ser desenvolvido na Pediatria Clínica na década de 1980, por uma técnica em educação e uma assistente social, era contribuir de maneira geral, para o bem estar dos pacientes e acompanhantes em situação de internação.

As entrevistas nos mostraram que o trabalho de assistência educacional iniciou-se na Pediatria Cirúrgica há aproximadamente 20 anos e posteriormente, incorporou-se à Pediatria Clínica. A iniciativa de inserir esses profissionais nas Pediatrias foi dos gestores imediatos, à época. Isso mostra que estes médicos possuíam uma forma global de ver o desenvolvimento humano, integrando saúde e educação, para o bem-estar físico, mental e social, não somente dos pacientes, como também de seus acompanhantes, na enfermaria. O que remete por sua vez, às suas possíveis convicções sobre o poder de melhora do estado geral das pessoas, através da inserção de práticas lúdicas e de socialização em ambiente hospitalar pediátrico. Recentemente presenciamos a afirmação de uma médica da equipe da Pediatria Clínica, em entrevista à TV Justiça sobre isso; apontando de fato, a redução do tempo de hospitalização quando é oferecido atendimento integral às necessidades dos pacientes.

Podemos dizer que o primeiro momento institucional na Pediatria Clínica, foi marcado pela inclusão, na equipe hospitalar, de profissionais do campo da educação e assistência social. O fato da inclusão desses profissionais na Pediatria, esteve relacionada à promoção de humanização no atendimento hospitalar. As atividades oferecidas tinham cunho terapêutico, ocupacional e educativo, em forma principalmente, de oficinas de artesanato para pacientes e acompanhantes. Segundo relatos, era um trabalho que envolvia muita socialização e afetividade entre os participantes. As profissionais aproveitavam para estimular em que em meio às produções, a troca e construção de ideias, afetos, valores e hábitos, como os de lavar as mãos, respeito, cuidado, alegria e bem estar individual e coletivo. As produções eram valorizadas e os brinquedos, jogos, trabalhos de artes feitos com sucata, etc, eram organizados em armários. Havia produção constante de cartazes e materiais decorativos para festinhas, que aconteciam durante todo o ano. Havia zelo pelo ambiente utilizado que era chamado de “Salinha de recreação”.

Atualmente, apesar de o Serviço de Pedagogia da Pediatria Clínica do HUB, foco da presente pesquisa de intervenção psicopedagógica, ainda não fazer parte do

organograma do HUB, podemos considerá-lo uma instituição de extrema relevância na atenção e desenvolvimento integral principalmente das crianças e jovens atendidos na Pediatria Clínica. Outro aspecto relevante é o Serviço ser, de certa forma, precursor de um segundo momento institucional na Pediatria Clínica, em que a educação passou a ser um direito garantido, tal como a saúde e a recreação.

O setor de Pediatria Clínica faz parte do Centro de Clínicas Pediátricas do HUB, do qual faz parte também a Maternidade, Ambulatório de Pediatria e Emergência Pediátrica. O gestor do CCP é um médico pediatra e cada um dos quatro setores citados, possui uma chefia médica imediata, existindo também as respectivas chefias de Enfermagem. Alguns dos profissionais específicos que trabalham nestes setores, como nutricionistas, assistentes sociais e psicólogos, estão submetidos às chefias de cada uma dessas áreas. Como a Pedagogia não se constitui uma área, no organograma do hospital, as pedagogas são lotadas apenas nas Pediatrias Clínica e Cirúrgica, uma em cada setor, e integram o setor em que atuam. Dessa forma, os dois Serviços de Pedagogia possuem bastante autonomia no planejamento e desenvolvimento de suas atividades, uma vez que os gestores dos setores são de outra área de conhecimento.

O quadro de pessoal do Serviço de Pedagogia da Pediatria Clínica é composto por uma pedagoga, coordenadora e executora do trabalho, e duas estudantes de Pedagogia, que atuam como auxiliares de Pedagogia.

O público alvo atendido pelo Serviço caracteriza-se por crianças, desde recém nascidas à jovens, com idades que variam entre um mês a 17 anos, hospitalizadas devido a doenças de naturezas diversas. O tempo de internação é variado, podendo ser de dias ou meses. Os acompanhantes também são foco do Serviço de Pedagogia. São na grande maioria do sexo feminino: mães, avós, tias, irmãs ou outras. Em menor número os acompanhantes são do sexo masculino, como os pais, irmãos ou tios, em número decrescente de ocorrência.

Apesar dos pacientes e acompanhantes serem o foco principal do serviço oferecido, todos os atores envolvidos no setor, pessoas do quadro da higienização, nutrição, secretaria, equipe médica, de enfermagem, estagiários, funcionários, voluntários, familiares, visitantes e outros, podem participar das atividades, como: conversações informais, apresentações teatrais, confecção de artesanatos,

comemorações, decoração do setor e outras atividades planejadas pela equipe de Pedagogia.

Um número de dez pacientes, em média, é atendido diariamente, nos dois turnos, de segunda a sexta-feira. São crianças e adolescentes de regiões diferentes, do entorno de Brasília, de outros estados, inclusive indígenas. Existem, portanto, culturas, níveis de escolarização e conhecimento bem diferenciados, sem contar com as diferenças de ordem psicobiológica relacionadas à patologia e enfrentamento da mesma e da hospitalização.

A questão do acompanhamento escolar dos pacientes durante um período significativo de internação, requer do Serviço de Pedagogia, entre outras ações, o contato com as escolas de origem dos mesmos, o que faz das unidades escolares, também, até certo ponto, parte integrante do público alvo do trabalho.

Analisando o contexto em estudo, podemos perceber que o Serviço de Pedagogia da Pediatria Clínica, desenvolve um serviço que poderíamos classificar em alguma medida como psicopedagógico. Isso porque ele abrange um trabalho voltado para um tripé marcado pela recreação-educação-terapia (Vitorino, Linhares e Minardi, 2005). São desenvolvidas atividades lúdico-pedagógicas voltadas para os interesses e necessidades dos sujeitos, relacionadas às três dimensões citadas anteriormente. Sobretudo, as relações praticadas são amistosas, afetivas e estimulantes à socialização, autonomia, criatividade e expressão.

O cotidiano do serviço é marcado por diálogos informais constantes; encontros individuais e em grupos; atividades que favorecem a expressão através da fala, da expressão facial, do desenho, do corpo, da escrita, do brincar, jogar e outros. Dessa maneira, a equipe de Pedagogia vai conhecendo características dos sujeitos e ao mesmo tempo, planejando possíveis propostas de intervenção. No entanto, atualmente, os procedimentos de atuação da equipe de Pedagogia não são sistematizados formalmente, o que prejudica a construção de um conhecimento ou a formação de um saber-fazer, que serviria para aprendizagem, autocrítica e aprimoramento do Serviço como um todo.

Outra questão que se apresentou e impulsionou o desenvolvimento desse trabalho de intervenção psicopedagógica institucional foi o fato de o Serviço ainda não ter conseguido desenvolver adequadamente, o acompanhamento escolar dos alunos e alunas hospitalizadas, visto que apesar do atendimento ser eficiente no que diz respeito

à parte recreativa e terapêutica, registra casos de fracasso escolar, relacionados a hospitalizações constantes.

3.2. Procedimentos adotados (descrição geral)

Inicialmente foi realizada uma avaliação dos procedimentos adotados pela equipe institucional, a partir de 4 sessões de observação. Duas sessões de cada uma delas foram observadas, sendo feitos registros utilizando-se gravador e caderno de campo para o registro de informações. Ao final de cada sessão de avaliação, foi realizada uma pequena entrevista estruturada (Anexo 2) com cada auxiliar de pedagogia. Foi atribuída uma sigla para cada uma (E1 e E2) na transcrição (Anexo 1) e discussão dos resultados, assim como para a aluna e alunos participantes; respectivamente, A1, A2, A3 e A4. Isso para manter o sigilo na identificação dos sujeitos. Para a pesquisadora, adotou-se P.

As informações registradas foram transcritas (Anexos 1) e analisadas, compondo inicialmente resultados parciais para cada sessão e depois, uma análise global dos procedimentos identificados, que foram tomados como norteadores para a intervenção (tópico 4.1.).

Após a avaliação inicial, foram realizadas seis sessões de intervenção, com duração de uma hora cada uma, aproximadamente. Sendo que cada sessão foi transcrita e sua análise serviu como subsídio para elaboração dos objetivos da sessão de intervenção seguinte. Ou seja, os objetivos e procedimentos de cada sessão de intervenção envolveram os dados da sessão anterior.

IV. A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção

4.1. Avaliação psicopedagógica institucional

-Sessão de avaliação psicopedagógica 1 (data: 15 de abril)

.Objetivo: Levantar informações sobre os procedimentos pedagógicos desenvolvidos pela equipe de pedagogia.

.Procedimentos e material utilizado: Foi realizada observação do atendimento pedagógico realizado por E1, junto a alunos hospitalizados e utilizados gravador e caderno de campo para o registro das informações. Ao final do atendimento, foram feitas três perguntas a E1 (em anexo), gravando as respostas. Todo o material gravado foi transcrito e utilizado junto aos registros do caderno de campo para compor a discussão e a apresentação dos resultados.

-Sessão de avaliação psicopedagógica 2 (data: 15 de abril)

.Objetivo: Levantar informações sobre os procedimentos pedagógicos desenvolvidos pela equipe de pedagogia.

.Procedimentos e material utilizado: Foi realizada observação do atendimento pedagógico realizado por E1, junto a alunos hospitalizados, utilizando-se inicialmente gravador e caderno de campo e depois apenas o caderno para os registros. Ao final do atendimento, foram feitas novamente as três perguntas a E1 (em anexo). Todo o material registrado foi utilizado para compor a discussão e a apresentação dos resultados.

-Sessão de avaliação psicopedagógica 3 (data: 16 de abril)

.Objetivo: Levantar informações sobre os procedimentos pedagógicos desenvolvidos pela equipe de pedagogia.

.Procedimentos e material utilizado: Foi realizada observação do atendimento pedagógico realizado por E2, junto a alunos hospitalizados, utilizando-se gravador e caderno de campo. Ao final do atendimento, foram feitas as três perguntas a E2 (em anexo). Todo o material registrado foi utilizado para compor a discussão e a apresentação dos resultados.

-Sessão de avaliação psicopedagógica 4 (data: 17 de abril)

.Objetivo: Levantar informações sobre os procedimentos pedagógicos desenvolvidos pela equipe de pedagogia.

.Procedimentos e material utilizado: Foi realizada observação do atendimento pedagógico realizado por E2, junto a alunos hospitalizados, utilizando-se gravador, caderno de campo. Ao final do atendimento, foram feitas as três perguntas a E2 (em anexo). Todo o material registrado foi utilizado para compor a discussão a apresentação dos resultados.

Resultados obtidos nas sessões de avaliação

Como descrevemos anteriormente (tópico 3.2.), esta avaliação foi composta de observações, registros, transcrição e construção de informações iniciais acerca dos procedimentos desenvolvidos pela equipe de Pedagogia.

As sessões de avaliação nos permitiram verificar alguns procedimentos do atendimento ofertado pela equipe:

- houve atraso no início de uma aula (Sessão de avaliação 3);
- utilização de atividades fora do nível de desenvolvimento escolar e cognitivo dos alunos (Sessão de avaliação 2);
- trabalhou-se com excesso de conceitos numa mesma aula (Sessão de avaliação 1);
- houve pouca variação nos recursos pedagógicos (utilizando-se quase que exclusivamente, folhas com atividades impressas e quadro branco);
- não houve exploração dos interesses, habilidades, espaços ou de recursos lúdicos, para a estimular a construção dos conhecimentos a serem trabalhados com os alunos (Sessão de avaliação 4).

As professoras trabalharam numa concepção de aprendizagem com transmissão ou transferência de conhecimento. E faltou a elaboração sistemática de planejamento nas aulas.

Discussão dos resultados da avaliação

Os tópicos destacados anteriormente podem indicar inicialmente não apenas a falta de planejamento, mas uma concepção de ensino de conteúdos escolares, marcada por procedimentos tradicionais de ensino-aprendizagem. As falas, tanto de E1 como E2, sugeriram em alguns momentos, uma concepção de aprendizagem escolar mais voltada para a transmissão do conhecimento, a que Paulo Freire (1994) se refere como “educação bancária”, havendo o depósito do conhecimento, ou transferência de um que sabe para o outro, que recebe. Pouco observou-se, sob uma concepção vigotskiniana, investimento na construção de conhecimento, em uma zona de possível aprendizagem por meio da mediação entre um conceito primário, já internalizado, e outro mais complexo, a ser desenvolvido. Como por exemplo na entrevista, após a primeira sessão de avaliação, E1 referiu-se à aprendizagem como absorção de conhecimento: “...observei que teve uma... é, uma absorção boa de tudo o que foi passado” e após a segunda sessão de avaliação “...pareceu absorver bem o conteúdo trabalhado...”. Essa mesma concepção foi observada em E2. Primeiro, ao se referir ao objetivo traçado para a aula com o aluno, que foi: “O de que as matérias passadas fossem compreendidas pelo aluno”; e depois, quando se referiu ao seu procedimento pedagógico: “as crianças conseguem aprender o que passamos para ela” (ambas após terceira sessão de avaliação).

As falas citadas anteriormente parecem indicar uma tendência das professoras em considerar que o aluno ou aluna aprenderam os conteúdos que foram trabalhados. Porém não se observou nenhum mecanismo aplicado nas atividades educativas que pudessem ser tomados como uma forma de verificar a aprendizagem do aluno após a intervenção da pedagoga. Transmite-se a ideia de que a intervenção feita foi suficiente para que os alunos aprendessem o conteúdo, sem uma avaliação mais cuidadosa.

Assim, diante dos aspectos elencados e sublinhados no decorrer das quatro sessões de avaliação inicial, partimos para as intervenções propriamente ditas, com

propósito de impulsionar a tomada de consciência da equipe sobre a necessidade do desenvolvimento de planejamento eficaz e eficiente e o desenvolvimento de competências para o atendimento escolar de qualidade.

4.2. As sessões de intervenção

Sessão de intervenção psicopedagógica1 (data: 7 de maio)

.Objetivos: Perceber a forma como as participantes percebiam os procedimentos pedagógicos desenvolvidos por elas; se tinham consciência da necessidade de mudanças. E se identificavam possíveis estratégias para isso. Levantar informações sobre necessidades e competências das participantes da pesquisa, para serem trabalhadas nas intervenções.

.Procedimentos e material utilizado: Sessão de discussão e reflexão dos achados na avaliação inicial junto com equipe. As falas, bem como as mediações foram registradas, utilizando-se gravador, mas também caderno de campo para registro de informações adicionais, como posturas e expressões das participantes. Ao final do atendimento, as informações registradas foram transcritas e discutidas com a orientadora do Estágio, para análise e planejamento da sessão seguinte de intervenção.

.Resultados obtidos:

Através das interlocuções mediadas e da análise das falas das participantes da pesquisa, foi possível:

- confirmar por um lado uma tendência de utilização de estratégias de ensino tradicionais já observadas na avaliação inicial;

- constatar que uma das participantes indicou um processo inicial de tomada de consciência de sua própria prática pedagógica baseada em modelos tradicionais de ensino. Em seguida verificamos a problematização feita por ela, com relação a esse tema, como mostra os trechos a seguir;

E1: “Eu já sou um pouco mais tradicional!”

E1: “Eu uso pouco o lúdico, né, pra minhas atividades...Eu gosto de sentar e escrever e explicar no

quadro, pedir pra que a criança diga se ta entendendo ou não... Eu sou mais tradicional nesse sentido.”

E1: “Eu acho que o tradicional é melhor, não é assim...bem tradicional, mas eu gosto de ver atividade ali, exercício impresso, na verdade eu acho que também não dá tempo de fazer muita coisa, mas eu uso bastante material concreto, lápis pra contar...Isso pra crianças que estão sendo alfabetizadas matematicamente né? Uso material dourado, algum joguinho que tem os números e ela escreve que número é aquele.”

E1: “(...) Uma outra coisa também que eu acho importante, que ajuda no aprendizado dessas crianças que estão hospitalizadas é ter um espaço próprio pra elas estudarem, diferente da Brinquedoteca, que é o que a gente tem aqui. Tem a sala que é exclusivamente pra gente estudar com elas. Acho que o ambiente contribui bastante.”

E1: “Porque ela tem as cadeirinhas, cadeiras que normalmente se usa na escola, tem o quadro, tem os livros, a gente na posição de professora,..., as imagens, o estímulo visual, que ajuda, dentro de uma sala específica pra ser trabalhado, né?” (Nesse desencadeamento de considerações de E1, a partir da intervenção da pesquisadora, houve reconsideração sobre a ideia de que é imprescindível ter uma sala de aula específica para que ocorra a aprendizagem, refletindo sobre a relação que esse processo tem, muito mais com o tipo de mediação realizada e a forma como o aluno se envolve na atividade).

E1: “A gente tem esse espaço aqui, reservado pra eles, mas se a gente não consegue captar o jeito que ele aprende, não consegue perceber que ele ta motivado a estudar, vai ser... mesmo que em vão porque ele não vai ta ali, a cabeça dele, e mesmo porque tem crianças que detestam a escola (risos) então lembrar a sala de aula é uma coisa que eles não vão gostar exatamente. Então eu acho que é um conjunto mesmo. “Pra gente é mais favorável estudar aqui, dar aula aqui, eu acho mais confortável mais estimulante pras crianças e pra gente também.”

E1: “(...) E existe uma motivação de você motivar a criança a fazer (refere-se a estudar); na Brinquedoteca você não consegue isso! Tem um monte de brinquedo, tem um monte de criança brincando (...)! E se você vem pra cá fica mais fácil também. Isso que a E1 falou, tem estímulo visual... E a gente sabe que é o momento de aprendizado, agora... Acho que a criança capta bem mais as coisas, mais aqui que lá na Brinquedoteca.”

- foi possível identificar por um lado, contradição das participantes no que se refere ao fato de a criança não estar motivada, por exemplo ou não aprender, devido a característica do próprio aluno ou da forma de ensino. Mas por outro lado, perceber nas falas das participantes, pelo menos menção sobre a necessidade de mudanças ou manutenção de estratégias para ser uma mediação mais eficaz, como podemos observar em seguida;

E2: “(...) tem crianças também que a gente percebe que ela não ta prestando atenção, que não tão a fim de fazer a aula... E, quando são crianças assim, eu vejo como eu posso mudar, fazer uma aula mais divertida... ou então, quando dá tempo, eu mudo mesmo realmente a maneira de dar aula, porque eu

gosto de ver que as crianças tão aprendendo(...).”

E1: “É diferente quando a criança fica muito calada, aí fica mais... poxa, vou ter que arrumar outro jeito, porque não é entender só (refere-se a entender os conteúdos), é interação mesmo com esses alunos, né?”

E1: “Se a gente ta vendo que não ta dando muito certo, a gente procura um outro jeito, de fazer que a criança nos entenda (...).”

E2: “(...) porque a gente pega a matéria e vê que ele é completamente incapaz de fazer, eu penso como eles fazem com ele na escola, porque se ele não consegue acompanhar, a professora deve simplesmente ignorar! Porque ele não faz as tarefas, chega aqui a gente foca na leitura e escrita, ele dá uma melhoradinha, e aí quando ele volta ele ta ruim de novo...”

E2: “Então é uma coisa que se elas pegassem , ele aprenderia rápido, eu acho que é descaso, mesmo!”
(Aqui, nesse desencadeamento de considerações de E2, parece ter havido certa tomada de consciência de que cabe à escola, ao mediador em última instância, descobrir procedimentos adequados para que haja avanços possíveis na aprendizagem dos alunos).

E1: “(...) a gente tem que levar em conta que ela tinha um certo déficit cognitivo, não sei se eu posso dizer assim, mas uma certa dificuldade de aprendizagem, por causa dessa transferência do simbólico pro concreto, então ela tinha dificuldade nisso. Mas eu percebi isso também numa outra criança que não tinha dificuldade.”

E1: “Eu acho que é porque também isso não é explorado na escola, né, de repente pela escola ser um pouco mais humilde, com pouco recurso, ou às vezes os professores mesmos às vezes não utilizarem esses recursos que existem, no ensino, da matemática...”

E2: “Acho que como a gente brinca...”

E1: “Eu ia falar justamente isso, né, porque tem os brinquedos que a gente usa, brinquedos pedagógicos, por exemplo (...). Pelo menos pra mim os jogos ajudam a identificar o nível de conhecimento que ela tem, dependendo da idade.”

E1: “Acho que é na hora da conversa, do diálogo, pra gente perceber os conhecimentos prévios, né?”

E1: “Pra conhecimento prévio normalmente eu uso o lúdico. Jogo, brincadeira...”

E1: “Aí depois que avalia faz produção de exercícios, né?”

E2: “Acho que a educação tem muito a ver com afeto também, uma criança ela tem que ter um afeto pra aprender (...). Eu acho que como a gente brinca com a criança, visita a criança no quarto...Acaba estabelecendo...”

E2: “É, mesmo que seja pequeno e as vezes você vê que não é pequeno (...), acho que com vínculo é mais fácil pra aprender porque como a E1 disse, a gente ta ali pra aquele aluno! Existe realmente essa atenção diferenciada que o professor de escola não tem como dar. São 30, 35 alunos, é difícil! Aqui existe essa aproximação para tirar aquela dúvida dele! E ele tem abertura de falar!”

E2: “Depende da criança. Tem criança que realmente chega aqui e não quer estudar.”

E1: “Porque ela não gosta mesmo...” E2: “Porque não se identifica com a escola...”

E2: “O fulano não vê importância em ler porque eu acho que a escola não faz esse caminho. Derealidade e escola. Então aqui ele não quer estudar! (...) mas se você fala pra ele, vamos fazer uma oficina disso?”

Vamos pesquisar de sua realidade, na internet, de uma banda que gosta, uma música, ele é totalmente hábil.”

E2: “No começo eu ficava falando tem que estudar, vamos ler, ele lia naquela vontade, naquela coisa...! Eu vi que ele gosta de usar muito o computador, agora eu deixo ele lá (...), porque eu vejo que ele tá pesquisando (...), que ele tá descobrindo as coisas...”

E1: “Acho que também (...) de repente não tem os recursos que seriam necessários, não sei se posso dizer essencial, mas alguns recursos que o ajudariam a se estimular mais a aprender.

E2: “Acho que toda criança tem essa vontade de aprender, esse gostar de aprender até uma certa idade, que talvez a escola desmotive (...)”

E1: “(...) então sem essa motivação, às vezes, baixa auto-estima, fraca vontade de aprender, alguém falando que não sabe de nada, não vai aprender. Então, a ajuda dos pais é essencial, porque aqui tá no momento de fragilidade física, emocional...”

E2: “(...) Sobre a influência dos pais, se eles acharem que aqui não é lugar de aprender, que tá cansado, que não faz mal perder o ano, principalmente se é uma criança deficiente, que é dependente, tem esse pensamento, que pode ser atrasada, perder o ano...”

- perceber certa preocupação com a manutenção da forma de ensino e conteúdos dados na escola, (como utilização de algoritmos, sem trabalhar os conceitos envolvidos) em detrimento da utilização de estratégias/procedimentos para avanços, de fato, no desenvolvimento das estruturas mentais dos alunos, ligadas a construção de conhecimentos escolares (científicos);

E1: “(...) principalmente em matemática, porque normalmente as crianças vem com um conceito de matemática da escola, que a professora deles mesmo ensinam e as vezes chega aqui e a gente tem uma abordagem um pouco diferente, e aí você tem que se adaptar muitas vezes ao jeito que a criança aprende pra ela absorver melhor. Por exemplo, a criança conseguia fazer, decodificar bem, $11 + 7$, aí ela respondia: 18, né; mais se eu pegasse por exemplo o material dourado, ela não conseguia fazer o desenvolvimento (...).A mesma continha lá, o mesmo logaritmo lá, se eu colocasse por exemplo com material dourado, ele ficava imaginando como é que aquilo poderia acontecer.”

E1: “(...) Eu acho que a gente tem que levar em conta também o jeito que eles aprendem na escola deles, porque eles estão aqui de passagem, eles não vão ficar, então de certa forma, a gente vai ter que se adaptar com a forma que eles aprendem na escola, de repente a gente pode fazer diferente”.

- perceber que as participantes esforçam-se para perceber necessidades e interesses dos alunos, apesar da necessidade de mudança na concepção e prática pedagógica, como aparece nas próximas citações;

E2: “(...) quando a gente não consegue ou até mesmo consegue um contato com a escola, e percebe que a

criança ta muito atrasada, tenta focar naquilo que ela tem mais dificuldade, foi o caso do (cita o nome de um dos alunos) quando ele veio pra cá, a gente foca muito mais na leitura e na escrita(...)"

E2: "(...) Se ele ta tendo dificuldade... aí você trabalha isso; se ele tiver dificuldade na leitura, né, com dígrafos, você trabalha isso com eles, pra quando voltar pra escola, eles terem tido uma dominada"

E2: "Então eu gosto de pegar a dificuldade da criança e focar nela pra passar alguma coisa significativa porque eu gosto de ver quando a criança ta aprendendo (...)"

E1: "(...)E pra gente assim, eu vejo que a gente consegue perceber a dificuldade e a facilidade das crianças, com o que ela se identifica. (...)"

E1: "(...) acho que diante do currículo, a criança de 6 anos ela tem que saber mais ou menos isso aqui, então vai trabalhando e percebendo a dificuldade da criança e tentando trabalhar as dificuldades dela!"

E1: "Como a E2 falou de aprendizagem significativa, ele gosta de certas coisas, então se for oferecido um livro pra ele que fale sobre a raça dos cavalos, por exemplo, a dupla sertaneja que ele gosta, um folder, ele vai ficar mais estimulado."

.Discussão da Sessão de intervenção 1

A partir de discussão e reflexão dos achados na avaliação inicial junto com equipe, foi possível não só continuar o levantamento de informações sobre necessidades e competências das participantes da pesquisa, mas intervir em processos mentais, de forma que as mesmas pudessem refletir, e nos parece, avançar na tomada de consciências sobre aspectos importantes dos procedimentos pedagógicos desenvolvidos por elas. Quais sejam: a importância da afetividade; da interação; do diálogo; da atenção à auto-estima, à cultura, aos interesses e habilidades dos alunos para impulsionar a motivação; a atuação a partir de onde o aluno consegue fazer sozinho e ajudá-lo a avançar, ou seja, atuação na "zona de desenvolvimento proximal" (Vigotski, 1984); a importância dos recursos lúdicos; de material concreto; de estímulos visuais ligando o simbólico ao concreto; da utilização de recursos específicos principalmente na matemática e da criatividade do professor em encontrar estratégias e atividades diferenciadas para atender os diversos estilos de aprendizagem; a importância de considerar as características da escola e da família, incluindo-os no processo de aprendizagem dos alunos.

Dessa forma, apesar de não ter sido possível, nessa primeira sessão, a tomada de consciência, de maneira geral, da necessidade de mudanças nos procedimentos de ensino existentes, particularmente sobre a necessidade de realização de avaliação e planejamento sistemático para uma intervenção pedagógica de qualidade, as

participantes puderam identificar, a partir da discussão sobre o que têm sido feito e como, princípios importantes para o ensino-aprendizagem de conceitos científico/escolares. O que certamente terá implicância no seu pensamento-ação, seja refutando ou reforçando o que até então existia como estrutura.

Alguns conflitos cognitivos, que apareceram nas falas ao longo da sessão, auxiliaram no desenvolvimento de interlocuções que parecem ter impulsionado, em alguns aspectos, avanços nessas estruturas mentais. Precisamente no que se refere às ideias de que: é preciso um lugar específico para ensinar/aprender os conteúdos escolares versus a ideia apresentada mais adiante de que isso não é significativo para a aprendizagem se não houver por exemplo, impulso à motivação para aprender e consideração a estilos ou peculiaridades dos alunos para a aprendizagem. Outro avanço parece ter sido a ideia de que a criança não aprende por motivos especialmente intrínsecos versus aumento nas considerações de que os procedimentos escolares e até mesmo a família, tem papel crucial nisso.

Foi possível também perceber, conforme discute Saiz (1996), uma certa tendência, sobretudo na área da matemática, de não privilegiar processos de pensamento ou a compreensão dos conceitos envolvidos na resolução de problemas, o que leva a opções pedagógicas por exemplo, muito ligadas à memorização e utilização de algoritmos sem entender a lógica envolvida nos mesmos

Por outro lado, as participantes não fizeram menção em nenhum momento, na importância do planejamento e avaliação para o ensino-aprendizagem.

Diante de tudo isso, foi planejada próxima intervenção, a partir de discussão dos achados e utilização de procedimentos que pudessem impulsionar avanços nesse sentido.

Sessão de intervenção psicopedagógica 2 (data: 14 de maio)

.Objetivos: Reforçar avanços alcançados na sessão anterior. Estimular a reflexão acerca da necessidade de sistematizar o atendimento pedagógico realizado na Pediatria Clínica. Estimular a reflexão a respeito da necessidade de traçar objetivos e metas antes dos procedimentos de intervenção pedagógica. E repensar uma forma eficiente de avaliar o conhecimento construído, considerando a rotatividade dos pacientes e a

interseção entre o atendimento pedagógico no hospital e atividade educacional na escola.

.Procedimentos e material utilizado: A pesquisadora pediu que as pedagogas começassem a falar sobre as conclusões que chegaram até então. Vejamos que desta vez, não foi a pesquisadora que iniciou a interlocução fornecendo as informações ou sínteses construídas, mas as próprias participantes. A partir das falas, deu-se continuidade na intervenção com mediação da pesquisadora, com vistas à reconstruções pessoais e institucionais (Fávero, 2012).

.Resultados obtidos:

As interlocuções analisadas indicaram:

- que houve reflexão sobre o fato de que a instituição vinha desenvolvendo procedimentos importantes como estabelecimento de objetivos gerais para o andamento do atendimento pedagógico;

E1: “(...) Claro que tem algumas coisas que a gente precisa organizar, né? Colocar mais sistematizado, mas teve alguns objetivos que a gente tinha no começo, por exemplo, a gente quer organizar, saber como higieniza, saber como vai trabalhar com as crianças, então eu acho que os grandes objetivos eram esses e a gente tentou trabalhar com coisas dentro desses grandes, né? Eu acredito que a gente avançou bastante na questão da organização, da limpeza, então esses foram objetivos que foram alcançados.”

E1: “(...) porque a gente já tem as fichas, que pra mim é super essencial, dá certo, e o contato com a escola e o local que a gente já conseguiu! Determinar que essa sala é um espaço pra se utilizar, pra ser a Classe Hospitalar, a gente caracterizou a sala, porque antes a gente não sabia se trabalhava lá se trabalhava aqui, a gente conseguiu especificar essa sala pra trabalhar com as crianças da Classe Hospitalar. A questão da ficha que deu certo, porque a gente tem o registro da criança, onde é que ela estuda, o contato da escola...”

- que houve tomada de consciência da necessidade de estabelecer procedimentos específicos para a Classe Hospitalar, e ao mesmo tempo, capacidade de indicar e em alguns momentos, definir alguns procedimentos durante a própria intervenção;

E1: “(...) Agora a gente como Classe Hospitalar, é que a gente precisa se organizar mais na questão de organizar o trabalho. De maneira como a gente vai trabalhar com as crianças (...)”

E2: “Pois é, precisa melhorar a gente saber o que vai fazer com as tarefas que a criança fez aqui, se vai arquivar, se vai mandar pra ela, como é que é...”

E1: “Isso!”

E2: “A gente faz uma coisa, depois pensa em outra, eu assim, aprovo a ideia de que todas as atividades que a gente fez aqui, colocar numa pasta e mandar pra criança...”

E1: “Eu também.”

E2: “As fichas da criança não, devem ficar, inclusive eu já reutilizei quando a criança voltou...”

E2: “Eu acho que só a ficha é importante! Porque você não precisa ficar perguntando todas informações toda vez, só saber, Ah, mudou de escola?”

E1 e E2 falam ao mesmo tempo que ficavam meio perdidas sobre o que fazer com as atividades, onde guardar as fichas e como usá-las.

P: “Então vocês concordam que precisamos estabelecer os nossos procedimentos?”

E1 e E2 concordam enfaticamente, com gestos e verbalizações positivas.

E2: “(...). Mas eu acho que tanto pra essas crianças (referindo-se às que não podem sair do leito), tem que haver uma sistematização muito grande. Então, tem que haver um horário, tem que... que a criança entenda que a partir daquele momento, começou a aula, precisa ter horário de início, término. É, de uma pessoa característica pra fazer esse trabalho. Aula você pode dar em qualquer lugar, que você definir, o importante é definir esse lugar.”

- expressou-se o desejo de a equipe em legitimar o trabalho realizado na Classe Hospitalar, foi possível perceber avanços na própria concepção de Classe Hospitalar e de ensino-aprendizagem. Com auxílio da intervenção, ou seja, das interlocuções que aparecem abaixo, as participantes começaram a perceber que o foco do trabalho pedagógico deve ser a mediação junto ao sujeito que aprende; e que para isso, é preciso realizar um trabalho sistemático, organizado;

E2: (ao referir-se à enviar as atividades realizadas para a escola de origem quando da alta) “A gente tem que mandar pela família, pra escola, até pra ver que está acontecendo o trabalho aqui, pra... que existe o trabalho e que ele é feito. (...)E como a gente se classifica como Classe Hospitalar, a gente tem que ter material, provas concretas de que o trabalho existe.”

E1: “E também pra legitimar a Classe Hospitalar. (...)Então, a gente tem local específico, tem horário específico, então a gente é uma Classe Hospitalar.”

E2: “Eu falei (...), a gente faz o acompanhamento escolar...”

E1: “Entra em contato com a escola... Na época a gente tava discutindo se fazia o acompanhamento aqui ou lá, e essa professora perguntou se a gente tinha um espaço específico, uma sala reservada, pra estudar, e se lá a gente trabalhava especificamente matérias escolares, com horário que as crianças e acompanhantes sabiam que era hora de estudar. Eu falei, a gente ta vendo, então ela disse que não podia ser considerado Classe Hospitalar.”

P: (...) “Quais são os procedimentos que me garantem que eu sou uma Classe Hospitalar?”

E2: “Eu acho que, por exemplo, você ser uma Pedagoga e estar dentro de um hospital, ensinando, pra mim é o primeiro passo! É haver o ensinamento.”

P: “É pra haver o ensinamento, o que é que precisa ter?”

E2: “Você precisa de um espaço, você precisa de...”

P: “Eu não posso ensinar embaixo de uma árvore?”

E2: “Pode, mais se definir: aqui embaixo dessa árvore vai ser nossa aula...”

P: “Se eu tiver num hospital, que não tiver espaço físico, eu posso ter uma Classe Hospitalar?”

E2: “Lógico que pode, por exemplo tem criança que não pode sair do leito. Tem criança que fica ali, e tem trabalhos dentro do quarto dela. (...)”

P: “Então se o lugar não é o mais importante, o que é?”

E1 e E2 dizem que é a professora.

P: “E a professora, vocês acham que toda professora que tem diploma, sabe ensinar? Ensina?”

E1 e E2 dizem que não.

P: “É mais importante o espaço?”

E1 e E2: “Não.”

P: “É mais importante ser pedagogo? Isso vai definir o ensino?”

E2: “É a maneira como você dá o ensino.(...) Eu tava lendo o depoimento de uma professora que (...) teve que ensinar uma criança cega e surda. E ela falou que não fazia idéia de como ia fazer isso (...). Ela (...) criou uma rotina pra ela (...) e tinha outros sinais, ela fez isso durante todo o tempo e quando ela chegou na idade da alfabetização, fazia som que significava a letra a, passava o dedo dela na letra braile (...). Então existiu uma sistematização do que tava ensinando pra ela, uma rotina, é exatamente essa rotina do aprendizado.”

P: “O que fez essa pessoa ensinar essa outra, foi os procedimentos que você falou que ela usou...”

E2: “Exatamente.”

P: “Esses que você falou, de forma sistemática, contínua, etc,e com muita atenção ao sujeito que ta aprendendo.”

E2: “Foi.”

P: “Então o que é mais importante pra ensinar? É justamente ter essa mediação, com o sujeito, não é?”

E1 e E2 respondem que sim.

E1: “(...) Todo esse processo, de ter um espaço e uma rotina, vai caracterizar não só pra gente mas pra quem ta de fora, porque confundi muito, a Brinquedoteca, com a tia da recreação, e a gente não é tia da recreação, é professora.”

- houve a reconstrução, com a mediação da pesquisadora, de ideias que indicavam dicotomias entre brincar e estudar e nos locais específicos para cada uma dessas atividades;

P: “Um dos objetivos dessa pesquisa e desse trabalho que a gente está fazendo junto, é a gente estabelecer os nossos procedimentos, porque assim, eu concordo plenamente que a gente avançou numa série de coisas, né, e esse avanço nos possibilitou chegar nesse nível de discussão que a gente ta tendo agora. Que é discutir o estabelecimento de procedimentos, vários, como vocês citaram: higienização,

tarefa de escola, etc. Muitos como a E1 falou, a gente já conseguiu estabelecer. Um deles que eu achei importante destacar e discutir, é o uso desta sala para o estudo. Com cuidado, queria chamar a atenção de vocês, pra não pensar que a gente só aprende e ensina conceitos aqui (tom enfático) na sala... que aqui a gente só deve mediar conhecimento... aprendizagem... apenas (tom enfático) nesta sala! Apenas (ênfatisa) com recursos tradicionais, né? Foi uma coisa que apareceu muito na fala de vocês no encontro anterior... Foi uma coisa que eu fiquei preocupada: Será que se a gente delimitar um espaço específico pra estudo, não vai ficar aquela idéia de que eu só estudo quando tem atividade em folha, eu só estudo quando eu tenho uma sala?”

E2: “Acho que isso fica só no plano da ideia, porque a gente brinca com a criança também no quadro, a gente conversa com ela na brincadeira também, por exemplo, sobre cores, você vê que tem ensinamento também no meio da brincadeira! A criança fala alguma coisa, a gente responde. Mas eu acho essa sala pra Classe Hospitalar, a gente acha importante também pra gente se organizar, mas a gente tem essa noção de que o conhecimento/aprendizado ele pode ser em todo e qualquer lugar. Ele não precisa ter necessariamente um brinquedo pedagógico, pra criança ter significado uma tampinha pode ser, nossa, o mundo, o mundo pode caber dentro de uma tampinha se ele quiser! Então não precisa exatamente de brinquedo, de uma sala, mas eu acho que pra nossa organização, precisa!”

P: “Maravilha!”

- verificou-se a tomada de consciência da necessidade e importância do planejamento;

P: “(...) Precisa saber fazer a criança avançar nos conteúdos escolares. E a gente mesmo chegou a uma conclusão hoje, e fico muito contente com isso, que é o que? Que a gente tem que fazer o que? E bem feito? Que a gente discutiu aqui?”

E2: “Precisa planejar...”

P: “A gente precisa ter planejamento!”

E2: “A gente tem que ter objetivos, planejamento, que o nosso objetivo é melhorar ...”

E2: “Porque aí a gente usa mais os materiais que a gente tem, porque a gente usa as vezes, as vezes não, por falta de planejamento mesmo.”

P: “Eu acho.”

E2: “Porque a gente tem muito material e a gente não usa, por falta de planejamento e estratégia.”

.Discussão da sessão de intervenção 2

Nessa sessão foi possível consolidar, com as participantes, e a não somente a ideia da necessidade de estabelecer procedimentos específicos para a Classe Hospitalar, mas a convicção de que é preciso planejamento! Procedimento que anteriormente sequer citavam nas sessões de avaliação e primeiras intervenções.

Podemos sugerir que a intervenção parece ter suscitado processos ligados a auto-estima, motivação e criatividade das participantes, já que consideraram que apesar da

necessidade de avanços, têm desenvolvido procedimentos importantes para o atendimento pedagógico na instituição. Foram capazes de identificá-los e ainda sugerir outros possíveis. Demonstraram também muita vontade em legitimar o trabalho da Classe Hospitalar realizado.

Foi possível impulsionar avanços na reconstrução da concepção de Classe Hospitalar e na concepção de ensino-aprendizagem de maneira geral. Verificou-se também uma reformulação de alguns conceitos equivocados, sublinhados em sessões anteriores, e que indicavam dicotomias entre brincar e estudar e nos locais específicos para cada uma dessas atividades. Dessa forma, mais uma vez pudemos observar o papel das interlocuções para a regulação cognitiva, de modo a propiciar o avanço nas ideias e a partir desses avanços, promoverem novos objetivos, modificando significados estabelecidos em certas ações.

A próxima intervenção foi planejada para retoma as reflexões acerca das ressignificações possíveis no atendimento pedagógico que tem sido colocado como foco das discussões, priorizando, a necessidade de sistematizar estas intervenções, com realização de planejamento.

Sessão de intervenção psicopedagógica 3 (data: 21 de maio)

.Objetivos: Promover novas interlocuções a respeito da importância de estabelecer objetivos e metas para serem norteadores das estratégias a serem planejadas para a construção do conhecimento dos alunos internados. Avançar nessa problematização visando indicadores que possibilitem a construção de estratégias e procedimentos específicos para esse fim.

.Procedimentos e material utilizado: Foi realizada uma discussão e reflexão das conclusões da sessão anterior junto com equipe e elaborando ao mesmo tempo, junto com as participantes, síntese dos aspectos levantados. Em seguida, uma frase foi escrita pela pesquisadora no quadro, que solicitou às participantes que a completassem verbalmente. A frase foi: “Para desenvolver a minha prática pedagógica com os alunos e alunas no hospital, eu preciso...”. As verbalizações foram gravadas. Por último, foi pedido que as participantes se lembrassem e reproduzissem verbalmente um trecho do

filme “Alice no País das Maravilhas” (referente ao momento em que Alice conversa com o coelho sobre qual caminho tomar...). As falas foram registradas, utilizando-se gravador, mas também caderno de campo para registro de informações adicionais, como posturas e expressões das participantes. As informações registradas foram transcritas e o conteúdo utilizado para a construção dos resultados e discussão desta sessão; ao final desta discussão destacamos alguns aspectos a serem discutidos pela equipe na próxima sessão.

.Resultados obtidos:

- constatou-se que houve um estreitamento nas relações entre as participantes e a pesquisadora, de forma que o desenvolvimento de vínculos marcados por confiança, possibilitou não apenas reflexão sobre a prática pedagógica, mas acerca de escolhas pessoais e profissionais; verificou-se aumento do espaço dialógico entre a equipe;

E2: “E2: “Tá faltando essa alegria minha...”

P: “Por que você está sentindo isso?”

E2: “Eu tentei ir aprendendo, ir fazendo... e como a Classe hospitalar não é realmente o que eu quero seguir, na minha área de Pedagogia mesmo, acho que é por isso. (...) E como eu comecei o projeto na escola, dentro da sala de aula, que é realmente o que eu quero, acho que também foi isso. (...) As vezes a falta de crianças aqui...(...) As vezes todos estão muito doentes e o espaço é bem down na verdade.”

- constatou-se reflexões sobre a necessidade do profissional desenvolver competências para monitorar sua prática e realizá-la com criatividade, ampliando sua autocrítica; constatou-se também a necessidade de que o planejamento seja flexível, para atender a diversidade dos alunos com relação ao tempo de internação, nível escolar e enfermidade de base;

E2: “(...) O pedagogo, ele tem que ta sempre de olho nas mudanças, no que as crianças..., elas também mudam, então acho que a gente tem que ta sempre nos monitorando, construindo novas práticas.”

E2: “Ué, na nossa prática, bom aqui, tem que ter muita criatividade sempre, são novas crianças sempre, criatividade por que você não sabe qual a enfermidade delas e elas chegam aqui, por isso que aqui a gente faz o planejamento, mas ele tem que ser super aberto porque pode ser que dê pra fazer e pode ser que não dê pra fazer. E a gente fica nesse impasse de planejar uma coisa e... realmente tem que ser aberto, e criatividade mesmo, porque não deu pra você fazer o que planejar, mas você tem que fazer alguma coisa, então criatividade mesmo. E saber o que que a gente tem, qual o nosso acervo, o que pode fazer, conhecer o ambiente, nossos materiais...”

E2: “A gente tem uma questão de melhorar mais sobre as crianças que tem deficiências: física e mental.

E mais práticas com eles e pra eles...”

- desenvolveu-sereflexões sobre a necessidade do atendimento pedagógico individualizado e não apenas recreativo;

E1: “(...) é muito seriado, são várias idades e níveis diferentes. Não dá pra trabalhar só com o lúdico, numa atividade só em grupo, mas também individual (...)”

E1: “(...) e eu trabalho individualmente...”

- houve a reflexão de E1 acerca de sua dificuldade em desenvolver atividades em grupo, procedimento importante para a prática pedagógica;

E1: “(...) Dificilmente eu pego as crianças pra trabalhar junto. Ou só se o tema ou foco for o mesmo ou muito próximo. Quando é uma pessoa, sei lá, que já sabe ler e outra que ta aprendendo, que ta fazendo uma outra atividade, eu não consigo atender uma e atender a outra de maneira satisfatória a meu ver.”

P: “E naquela aula que a gente observou, interessante que você estava com três crianças...”

E1: “Sim!”

P: “E foi muito boa aquela aula. E você considera que conseguiu trabalhar com três crianças ou você acha que não foi bom?”

(E1 ri, suspira e verbaliza um “ai!”): “Bom, eu acho que eu consegui porque (...) – E dá uma série de justificativas para explicar sua afirmação.

P: “E como você fez o planejamento daquele projeto, que nos contou, em que a proposta era realizar atividades em grupo?”

E1: “Ah, foi um planejamento muito geral, assim. Eu peguei algo específico, que foi trabalhar com formas geométricas que eu vi que era possível trabalhar um conjunto de coisas. É, com crianças pequenas, poderia trabalhar forma e cores. Com crianças maiores, falar sobre formas geométricas já com figuras planas e espaciais, os nomes das figuras, trabalhar algum texto; maiores, trabalhar área e perímetro... Então dependendo da série da criança, do nível de conhecimento da criança, eu ia fazendo uma atividade.”

P: “Você aplicou aqui?”

E1: “Não.”

P: “E você já tinha tentado fazer dessa forma aqui?”

E1: “A gente trabalha com tema, né, então, quando a gente trabalha com tema a gente consegue...(...)?”

P: “E o que você acha disso?”

E1: “Acho interessante, pra mim norteia bastante.”

P: “Mas... você ainda acha que é um desafio pra você, como você falou?”

E1: “Eu acho que é mais falta de prática, mesmo.”

- houve novas ideias a respeito da necessidade de realizar planejamento; refletiu-se sobre a forma como estava sendo desenvolvido o planejamento, se forem consideradas as especificidades da dinâmica hospitalar e as experiências anteriores das próprias participantes;

E2: “Planejamento é super importante, é tudo, é sei lá, é você ter noção, nortear as coisas, saber pra onde você ta indo (...); às vezes com planejamento, não dá certo, aqui no hospital. Mas eu acho que com planejamento é muito melhor de trabalhar. É, o que me frustra é que são planejamentos muitos grandes. (...). Por exemplo, teve planejamento de hora, tempo e espaço, achei o projeto incrível, mas pra mim, ele foi grande.(...)É um projeto de um ano inteiro.(...). Então eu acho que um projeto grande realmente não cabe aqui. No hospital.”

P: “E o que você acha que cabe?”

E2: “Eu acho que planejamentos curtos. Igual a gente faz oficinas, a gente faz temático. Ontem a gente falou sobre abolição da escravatura. Ok, ontem! Pode voltar nesse assunto, pode! Mas não pode trabalhar isso seis meses, o ano todo. Poder pode, mas a criança vai embora, então não cabe para o hospital. Acho que tem que ser uma coisa mais pontual. É aquilo que a criança vai aprender naquele dia, basicamente, porque ela vai embora daqui a dois, três dias. E tem gente que vai embora no mesmo dia. (...)Você tem que jogar o seu máximo (...) naquele dia (...), naquele tempo. E é isso.”

P: “Então vocês acham de fato o planejamento importante?”

E1 e E2 concordam enfaticamente.

P: “E porque acham que demoraram a tocar nesse procedimento ou não realizavam até agora?”

E2: “Sabe porque que é difícil planejar as coisas aqui? Muitas vezes a criança chega, a gente não sabe o que ela está estudando, o que ela vai trazer do colégio, mesmo quando a gente sabe a série, ela pode estar estudando muitas coisas. (...) E já aconteceu de fazer planejamento pra uma criança que tava aqui e quando cheguei ela tinha falecido.(...)”

- refletiu-se sobre a relação direta que deve haver entre objetivos e estratégias na realização do planejamento;

P: “(...) Vocês acham que a gente tem feito planejamento nas reuniões de planejamento?”

E2: “Eu acho que a gente fazia, porém muitos longos. Pra semana funcionava melhor, com temas que já tavam definidos, (...)”.

P: “É importante a gente identificar os problemas para solucioná-los. (...) Quando vocês falaram, foi de uma maneira enfática, por exemplo: “planejamento é tudo!” e por outro lado, ele apareceu como: “eu tenho dificuldade”; “é complicado no hospital”, assim por diante. Então é uma coisa que vocês deram relevância como necessidade. Realmente é crucial na educação e na intervenção psicológica, psicopedagógica, na administração, no lar, na vida financeira. Crucial então pras coisas darem certo, porque inclusive você pode avaliar. Você tem um planejamento, com objetivos e ações e aí você pode ver se não deu certo e não atingiu metas ou objetivos, então vamos rever as coisas, etc. Porque você

traçou uma coisa concreta.”

E2: “Objetivo também é maravilhoso, é o que te norteia, se você tem um objetivo, você tem que saber o que precisa fazer pra atingir. A primeira coisa que você tem que fazer é ter um objetivo. Aí você consegue planejar, se esforçando é lógico, cumprindo com todas as coisas que planejou pra chegar lá.”

P: “Então, podemos retomar aquela frase e completá-la novamente, acrescentando algo. “Para a minha prática pedagógica no hospital com crianças e jovens nós precisamos de...”

E1 e E2: “Planejamento!” (E1 e E2 haviam completado essa frase sem mencioná-lo)

E2 (Na discussão sobre o trecho do filme Alice no País das Maravilhas): “(...) Agora, se você quer chegar em algum lugar, o caminho é muito importante!”

P: “Esse trecho tem a ver com o que a gente conversou?”

E2: “É até uma lição de vida mesmo, pode ser que você chegue no objetivo, sem planejamento, mas é muito difícil.”

P: “Maravilha!”

.Discussão da sessão de intervenção 3

Pudemos perceber que a metodologia utilizada contribuiu para desencadear os temas das discussões, conforme planejado na sessão. O uso de procedimentos diferenciados, no caso a utilização de frase a ser completada e o vídeo, mostraram-se ligadas ao que Fávero (2012), chamou de “atividades comunicativas (...): a criação de situações de natureza interativa para a proposição de atividades que demandem dos sujeitos a descoberta dos novos possíveis, (...), a construção de novas competências (...) em um contexto de interação, isto é, em uma dinâmica sócio-cognitiva” (pp.105,106).

Nesta sessão foi possível perceber ainda, que a dinâmica da interlocução entre os sujeitos, marcada por diálogo e empatia, contribuiu para tomada de consciência de aspectos não apenas relacionados à prática profissional, mas pessoal, o que pôde ser percebido quando uma das participantes colocou para o grupo a percepção de sua preferência pelo trabalho em sala de aula de uma escola propriamente, em detrimento da prática no hospital. Identificando ainda, para si mesma e para o grupo, questões que a incomodavam neste ambiente de trabalho. Isso foi importante na medida em que os sujeitos a partir dessa colocação, puderam direcionar suas escolhas, o que pode trazer benefícios tanto para o profissional como para a própria instituição. Pina Neves e Fávero (2012, p.65) observaram em seu estudo, o fato de que muitos professores estarem lecionando por falta de oportunidades para acessar outras carreiras, “dando margem à leitura de que essa é uma escolha de segunda opção (...)”. Apesar da

participante da pesquisa não referir-se à outra carreira, mas ao lócus de trabalho docente - que de fato, diferencia-se do trabalho pedagógico em enfermaria, sob muitos aspectos - pode ter implicações de fato, na forma como desenvolve sua prática.

De qualquer forma, observamos uma ênfase na discussão acerca da necessidade da elaboração sistemática de objetivos e estratégias, e na compreensão da relação imbricada entre essas duas instâncias do planejamento. As participantes foram capazes de discutir alguns princípios norteadores para os mesmos, considerando a dinâmica e contexto de sua prática cotidiana, a qual se tornou objeto das reflexões e análises. Cabe dizer que nesse sentido, consideramos desde já uma grande contribuição da presente pesquisa de intervenção.

Os sujeitos discutiram a necessidade de desenvolver atividades individualizadas, mas também a possibilidade do trabalho em grupo, por exemplo, com temas geradores, criando e adaptando atividades diferenciadas para os níveis de desenvolvimento e aprendizagem. Dessa forma, ficou implícita também nas falas, a necessidade de o pedagogo desenvolver competências ligadas ao monitoramento de sua própria prática; a fim de desenvolvê-la criativamente tanto no sentido de abarcar as necessidades e avanços dos alunos, como de melhor aproveitar os recursos disponíveis. Nesse aspecto, apareceram inúmeras falas confirmando que muitos materiais não são utilizados por falta de planejamento ou conhecimento das possibilidades dos materiais existentes por parte dos profissionais que desenvolvem a prática pedagógica.

Considerando os objetivos estabelecidos para a sessão e os resultados obtidos durante as interlocuções, na próxima sessão iremos promover e orientar a discussão para que se coloque em pauta as formas de elaborar um planejamento, adequando objetivos, estratégias e materiais, à diversidade presente em uma classe hospitalar.

Sessão de intervenção psicopedagógica 4

Objetivos: Levantar hipóteses sobre os procedimentos necessários para realizar um bom planejamento e avaliação. Discutir e definir estratégias que devem constar no planejamento. Promover a participação ativa dos sujeitos nas reflexões temáticas visando a tomada de consciência, para que percebam que o desenvolvimento de

competências pessoais implicam em mudanças com vistas ao aumento da qualidade do atendimento pedagógico na classe hospitalar.

.Procedimentos e material utilizado: Foi apresentado um vídeo de 13 minutos à participante E2 (“Quem mexeu no meu queijo?”), visto que E1 não compareceu à sessão. E em seguida foram realizadas interlocuções, em que a participante junto com a pesquisadora foram discutindo o vídeo em questão e relacionando-o aos procedimentos do saber-fazer estratégias para atingir determinadas metas e objetivos pré-estabelecidos.

.Resultados obtidos:

- a própria participante comentou informalmente no final do encontro, sobre a estratégia metodológica ter sido interessante para discutirmos a questão da pesquisa. Isso ficou aparente durante a sessão, pois a mesma ilustrou por diversas vezes as suas colocações, com trechos do vídeo, exemplificando, comparando; lembrando cenas e falas, etc.

- destacou-se que é preciso monitorar a prática pedagógica, com vistas à criar estratégias e procedimentos para que a mesma se desenvolva de maneira adequada; em atendimento à diversidade dos alunos e alunas;

E2: “...ver novas perspectivas... não ficar acomodado com as coisas...”

E2: “É, (...) ele começou a monitorar pra saber se tava tudo bem (...), ele foi buscando outros caminhos pra não ficar despreparado, pra não ser pego de surpresa, como foi pego no começo, quando ele estava acomodado.”

E2: “(...) O pedagogo ela tem que ta sempre de olho nas mudanças, no que as crianças, elas também mudam, então acho que a gente tem que ta sempre nos monitorando, construindo novas práticas.”

- E2 concluiu que o planejamento precisa ter foco na criança que está na condição de hospitalização e doença, conseguindo avançar no apontamento de aspectos que precisa considerar para realizar o planejamento. Enumerando primeiro a necessidade de levar em conta a condição geral da criança;

P: “Você falou muito bem... que as crianças mudam... Então o que é importante monitorar além do ambiente, dos materiais, ter uma organização, que facilita... O que é importante a gente estar sempre no dia a dia, monitorando em cada intervenção? Que vai ser o foco do trabalho pedagógico?”

E2: “A criança!”

E2: “Tem que ver também o humor dela naquele dia, como é que ela ta, como ta reagindo a doença, se o atendimento, a brincadeira, que a gente ta dando pra ela ta sendo significativo ou não... ou ta só cansando a criança... Porque às vezes tem aquela coisa: Ah, tem que fazer, e às vezes não é significativo pra criança.”

- segundo, a necessidade de considerar os aspectos motivacionais na interação, envolvendo não só com a criança, as atividades e recursos propostos; mas também a forma de realizar a mediação;

P: “E você acha que é significativo quando?”

E2: “Quando a criança aproveita!”

P: “E quando é que a criança aproveita?”

E2: “Quando você vê respostas físicas, respostas da criança mesmo, quando a criança ri, quando a criança participa, ela não ta só ali naquele lugar sem motivação pra ta ali. Às vezes você percebe que a criança não ta motivada, não ta ali, ela não ta na brincadeira, na Classe Hospitalar, (...) porque nenhum brinquedo interessa pra ela. (...) e acaba não fazendo nada que signifique realmente alguma coisa, pra criança!”

P: “Das atividades que você faz, você consegue perceber as que parecem ser mais significativas?”

E2: “As oficinas! Elas parecem ser mais significativas pras crianças. A aula também, elas gostam muito, tem criança que gosta muito, que pede, que quer, mas as vezes não querem, não gostam...”

P: “Você consegue perceber quando as Oficinas e as aulas conseguem ser mais positivas? Algum aspecto que tá ligado a ela dar mais certo... de você alcançar bons resultados...”

E2: “O interesse da criança, mesmo, de fazer, de você mostrar pra ela o que você vai fazer no dia e elas ficarem empolgadas: Nossa, tia, vamos fazer? Vamos mãe? Aí elas fazem, mostram pra mãe, pra enfermeira: Ah, eu fiz com a tia! E aprende a fazer... Por exemplo, dobradura que a gente fez, mesmo com coordenação motora não bem elaborada... que precisa ter força... A fulana, quando ela viu que conseguia fazer, ela ficou muito feliz. Então eu disse, vamos fazer outro? Porque eu percebi que ela não tinha internalizado, todos os passos: Agora você ensina a tia a fazer, e eu perguntava, e aí, o que eu faço agora? Eu acho que não é assim, né, e você via a alegria dela... E ela fez dois e queria fazer três, quatro...”

P: “E as aulas? Já aconteceu de você dar uma aula que não foi boa?”

E2: “Já... já!!! (tom enfático). As vezes produção de texto... leitura... você vê que a criança não ta interessada...”

P: “Então você acha que dar mais certo ou menos certo tem mais a ver com o interesse da criança?”

- terceiro, considerar a importância da didática de quem está mediando a aprendizagem, incluindo nela, um bom acervo lúdico;

E2: “Tem a ver com a gente também, com a nossa didática,(...), não só com a criança! Acho que às

vezes também, a gente não planeja direito a aula e aí, é... não tem um acervo lúdico muito bom pra fazer essa aula, pra fazer que com que ela seja mais significativa do que ela é, só sentar o menino aqui na cadeira e falar assim, olha, tem essa figura, faça aí uma produção de texto... Isso, a gente, o acervo, a criança... o planejamento também... porque aí você tem mais tempo também pra pensar numa atividade pra não ficar tão chato pra ela.”

- e também, o conhecimento do professor, acerca dos conteúdos que vai mediar;

P: (...) você lembra de uma aula de matemática, que a gente observou, que era de frações?”

E2: “Lembro, que eu não consegui fazer, porque eu não sabia...”

P: “Então, o que aconteceu naquela aula?”

E2: “Eu não sabia (...) e muito menos como eu poderia explicar sendo que eu não sabia nem pra mim!”

P: “Que tem a ver com (...) falta de tempo de pensar a atividade, você concorda?”

E2: “Também!”

P: “Se você tivesse planejado, vamos supor, no dia anterior (...), poderia ter dado essa aula?”

E2: “Acho que não, porque eu não conseguiria aprender tão rápido! (risos)”

E2: “(...) porque a gente também não sabe tudo, mas quando é um conteúdo que você não sabe, não dá nem pra você enrolar (...)”

.Discussão da sessão de intervenção 4

O material presente no vídeo utilizado trouxe subsídios tanto para pesquisadora como para a participante no sentido de ilustrar colocações, iniciar ou concluir comentários, fazer sínteses, comparações, etc. O que nos levou a considerar a importância de recursos dessa natureza para os processos de pensamento, linguagem e cognição. Ou seja, para construção e reconstrução dos significados e dos conceitos.

Em acordo com os objetivos estabelecidos para a sessão, a participante conseguiu refletir a respeito de aspectos que deveriam estar presentes na prática pedagógica, tais como: o monitoramento constante da própria prática, fomentando a autocrítica, de forma a observar se a mediação está sendo significativa. Também que o desenvolvimento do planejamento deve ter foco no aluno e suas necessidades, que vão além dos conteúdos curriculares, mas envolvem aspectos da hospitalização, da doença, do estado físico e emocional. Além disso, podemos dizer que E2 desenvolveu competências crítico-reflexivas, já que foi capaz de identificar que o processo de ensino e aprendizagem envolve muito mais que a disponibilização de recursos lúdicos e a realização de um planejamento que contemple o currículo escolar. E2 percebeu que se pode torná-lo “vivo”, dinâmico, instrumento de construção permanente de uma prática

criativa, que contemple interesses e necessidades, aspectos motivacionais e didáticos. Percebeu que a intervenção pedagógica envolve mediação. E nesta questão, tomou consciência de que é necessário conhecimento pelo profissional dos conteúdos a serem mediados.

Fávero e Pina (2012) defendem, nesse sentido, que a pesquisa de intervenção envolvendo professores, coloca em evidência dentre outras, a questão da formação inicial desses profissionais, no campo da matemática e pedagogia, e atentam para a necessária formação continuada, que tal metodologia, por sua vez, também abarca.

Apesar dos avanços observados neste encontro, aspectos importantes não foram sequer mencionados pela participante como a importância da avaliação e da mediação na “zona de desenvolvimento proximal” (Vigotski, 1984). Dessa forma, os objetivos da sessão seguinte serão pautar aspectos importantes como a questão do lúdico na construção de aprendizagens de conceitos escolares versus a transmissão de conhecimentos, na perspectiva criticada por Freire (1994), ou seja, de uma “educação bancária”, propiciando a interlocução entre os sujeitos, para estimular as regulações cognitivas, no intuito de provocar a tomada de consciência das participantes sobre esses aspectos.

Sessão de intervenção psicopedagógica 5

Objetivos: Provocar a reflexão, particularmente, às estratégias pedagógicas que devem nortear o planejamento; instigar a reflexão sobre a necessidade de realizar avaliação e mediar as questões educacionais a partir do ponto onde os alunos possuem conhecimento, impulsionando-os a ampliá-los e generalizá-los em outros conceitos. Demonstrar a importância do lúdico na aprendizagem em detrimento da manutenção de um ensino conteudista, esvaziado de sentido, motivação e prazer.

Procedimentos e material utilizado: Foram estimuladas e mediadas interlocuções a partir de uma fala inicial, que valorizou num primeiro momento, o processo de desenvolvimento do Serviço e de colocações das participantes em sessões anteriores; e em seguida pediu que analisassem particularmente o planejamento que vinham realizando até o momento, sugerindo a partir daí, aspectos a manter, modificar e

acrescentar. A pesquisadora comentou ainda sobre alguns valores éticos da prática profissional no início da sessão. E antes de dar a voz às participantes, fez uma pequena síntese sobre as questões apresentadas por elas até então a respeito do planejamento. No desenvolvimento do encontro, deu-se prosseguimento a metodologia da interlocução entre os pares, com vistas ao alcance dos objetivos estabelecidos para a sessão.

.Resultados obtidos:

- discutiu-se a concepção de que o planejamento deve ter o foco no sujeito que aprende; incorporando recursos e atividades diversificadas e lúdicas, a partir de compreensão (avaliação) prévia de conhecimentos por ele produzidos; discutiu-se que a intervenção pedagógica deverá pautar-se por um lado, nas necessidades dos alunos e alunas, e de outro, nas possibilidades dos recursos e atividades propostas; revelou-se também a importância de ser um planejamento realizado em equipe, institucionalmente;

E2: “(...) Eu acho que a gente tem que planejar de acordo com as crianças que estão aqui (...), ver os conteúdos dos alunos e fazer atividades prévias com o tema da semana. Que aí no caso a gente pode ver os materiais, os jogos pedagógicos que a gente tem e não usa na Classe hospitalar. Porque a gente é bem tradicionalista mesmo. (...). A gente pode fazer o planejamento juntas e discutir os recursos e materiais, (...) adaptando o tema e fazendo uma Classe mais lúdica e menos tradicional.”

P: “(...) é, tá vendo o nível mesmo deles!”

E2: “(...) Porque às vezes é uma coisa lá atrás que ele não aprendeu e que tá atrapalhando.”

- tomada de consciência sobre a necessidade de avaliação e sistematização; e troca de informações entre a equipe;

P: “Isso significa que a gente tem que trabalhar no nível de desenvolvimento da criança (...); ter instrumentos para fazer avaliação. (...) pode-se usar por exemplo, textos, ...”

E2: “Na verdade qualquer atividade que me mostre se a dificuldade é a escrita, a pontuação, ...”

E1: “(...) A gente tem horários diferentes, (...) a gente terminou a Classe, a gente vai lá e avaliamos o que foi feito. Mesmo porque no dia seguinte, a E2 tem que saber o que foi feito, agora é a parte da comunicação.”

- reflexão sobre a necessidade de realizar mediação no ponto onde a criança sabe;

E1: “(...)E pensar numa forma de como a gente pode estar nivelando.”

P: “Vocês falam nivelando, o que quer dizer isso?”

E1: “É ver até que ponto ela sabe. (...). Por exemplo tá no sexto ano e tá com conhecimento de quinto ano, quarto ano.”

.Discussão da sessão de intervenção 5

Foi interessante perceber que as participantes não internalizaram de forma a expor no discurso, e exemplificarem, a questão da utilização de recursos lúdicos e sua importância para a aprendizagem e estimulação do desenvolvimento global. Observamos que como a discussão teve como foco a construção do saber escolar, pouco foi declarado a respeito da importância do jogo e da brincadeira como motivadores da internalização dos conhecimentos escolares. De modo que para esse fim, pareceu-nos que realmente as participantes utilizam com pouca frequência esses recursos lúdicos. O que implica em considerar que é necessário impulso não apenas à reflexão, mas construção de competências das pedagogas, nesse sentido. Apesar disso, foi possível perceber um processo contínuo de tomada de consciência das participantes, através de um movimento, que foi se tornando cada vez mais autônomo e ativo, em que refletiam sobre a prática desenvolvida, analisando pontos fortes e fracos a desenvolver, sendo cada vez mais capazes de pensar alternativas. Isso indicou que se não foi possível trabalhar muitos pontos a que se tinha estabelecido como objetivos dessa pesquisa, a priori, despertou-se nas profissionais maior compromisso em transformar a sua prática através do estabelecimento sistemático de reflexão-ação e planejamento.

Nessa sessão, registrou-se a questão de pensar a mediação a partir do que os alunos e alunas sabem, e a partir de avaliação dos conhecimentos anteriores à internação. Nesta sessão, foi interessante observar nas falas, a importância dada ao trabalho em equipe; ao desenvolvimento da comunicação e tomada de decisão entre o grupo; o que pode indicar desenvolvimento de competências para o desempenho profissional numa perspectiva institucional e maior compromisso com a mesma.

Considerando a necessidade de encerramento da intervenção, dada peculiaridades do tempo de estágio e elaboração do relatório, os objetivos da próxima sessão foram estabelecidos no sentido de fazer um encerramento junto às participantes, discutindo as possíveis contribuições da pesquisa e estimulando as mesmas a darem continuidade na melhoria dos procedimentos pedagógicos praticados na instituição.

Objetivo: Discutir sobre as contribuições da pesquisa.

Procedimentos e material utilizado: Inicialmente de forma livre, conversou-se brevemente sobre a pesquisa. Em seguida a pesquisadora utilizou três perguntas para direcionar as interlocuções: se achavam que a pesquisa havia provocado reflexões; se achavam que tinha ocorrido transformação nas ações desenvolvidas por elas na prática pedagógica e se pretendiam integrar algo na sua atuação a partir daquele momento.

.Resultados obtidos:

- foi possível perceber um impacto positivo da pesquisa na reflexão por parte das pedagogas acerca da prática pedagógica realizada por elas, sobretudo com relação ao planejamento e inserção do lúdico; e também na própria ação, visto que uma delas, nesta fase de finalização da pesquisa, produziu um jogo pedagógico para trabalhar conteúdo de matemática na Classe Hospitalar;

E2: “Gostei muito da pesquisa, pontuou mais nosso Serviço, principalmente sobre o planejamento e de focar mais na Classe Hospitalar, usar mais o lúdico, Fazer mesmo o planejamento. Essa semana eu fiz um jogo para trabalhar matemática pensando em A. Ele se chama “Tabuando tabuada de bola”. Ele utiliza palitos e tem casinhas para ir colocando eles de acordo com a operação...”

E1: “(...) as perguntas nos levaram a refletir sobre o nosso trabalho e a prática dele.”

E2: “(...) Em nosso trabalho, em como a gente faz. A gente só fazia aula de um modo tradicional e a gente deveria fazer muito mais lúdica, principalmente porque aqui é um hospital e precisa promover a aprendizagem com a ludicidade. Tem crianças bem menores que dependem disso... Então não perder isso, do lúdico... E também de fazer diferente, de outra forma: de fazer planejamento; de ver a demanda das crianças (...).”

E1: “(...) nos últimos encontros falamos bastante sobre o planejamento e isso é uma das coisas que nós ainda precisamos (...) para termos um trabalho ainda melhor. Vamos trabalhar em cima disso.”

E2: “Planejamentos para poder utilizar mais o lúdico na Classe Hospitalar.”

-as falas indicaram a presença de processos metacognitivos desenvolvidos pelas participantes, facilitados provavelmente pelo caráter da pesquisa, que valoriza as

interlocuções para a participação ativa dos sujeitos na tomada de consciência e construção/reconstrução de ideias e ações.

E2: “(...) você não chegou pra gente e falou que essa maneira talvez não seria a mais apropriada. Mas você fez a gente perceber, a gente chegar a essa conclusão. Então eu acho que as mudanças e ações vão ser muito mais significativas porque a gente chegou a essa conclusão. Mudou mesmo a forma como a gente pensava e como a gente vai ficar se perguntando: O que eu posso fazer; O que que eu tô fazendo?; Ver se a criança aprendeu... (...) perceber a criança mesmo...”

E1: “Sim, nós só precisávamos de um empurrãozinho, acredito que a partir disso iremos refletir mais sobre nossa prática e pensar em novas ações (...)”

.Discussão da sessão de intervenção 6

Foi possível perceber através das falas e ações das participantes, o papel da presente pesquisa de intervenção como instrumento de transformação institucional, na medida em que as mesmas foram capazes de: refletir sobre sua prática; sobre seu próprio desenvolvimento de conceitos e competências; e ainda, avançar na elaboração de procedimentos pedagógicos, como a confecção de recurso lúdico para trabalhar conteúdos escolares.

V - Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica institucional

Pudemos observar, conforme defendem Fávero e Oliveira (2004, p.82), que a intervenção psicopedagógica pode ser apontada como importante estratégia de pesquisa, pois coloca em evidência, além dos aspectos importantes da prática pedagógica desenvolvida com os alunos e alunas; o processo de desenvolvimento de todos os envolvidos e também, da própria intervenção realizada.

Conforme Pina Neves e Fávero (2012), que desenvolveram pesquisa de intervenção com profissionais adultos, “o planejamento de uma sessão aconteceu sempre após a transcrição e a análise da sessão anterior (...) tomando cada participante como ser ativo e construtor de conhecimento” (p. 54). Nessa perspectiva, “a atividade mediada foi construída de modo a instigar, propor e incitar o grupo a observar, a falar, a questionar, a debater e a propor” (p.61) ações para seu próprio atendimento. Apesar de não terem sido realizadas análises dos “atos da fala” propriamente, como fizeram as

autoras, as interlocuções foram importantíssimas para que oportunizasse as regulações cognitivas dos sujeitos envolvidos, sendo analisados os conteúdos dessas interlocuções.

Os resultados desta pesquisa vieram a confirmar os encontrados pelas autorassupracitadas, no sentido de ter sido possível perceber um ensino marcado pela transmissão de conhecimentos, sendo o verbo “passar”, o mais utilizado pelas participantes ao referirem-se à sua prática de ensino. Ficou evidenciada, ainda, a dificuldade das professoras em avaliar concretamente as competências e dificuldades dos alunos. E apesar de referirem-se à propostas de mudanças na prática pedagógica, após a intervenção, o que consideramos ter sido um grande avanço, como a utilização do lúdico, as ações sugeridas também foram ao encontro dos achados de Pina Neves e Fávero (2012, p.62): foram “genéricas, com descrições rápidas de ações, sem mencionar como desenvolveriam tais propostas e com que finalidade.” Também apareceu nas falas das participantes, a questão de que é imprescindível um lugar específico para estudar. Como discutem Covic e Oliveira (2011, p.49), “no imaginário social é notória a presença da concepção de que algumas práticas só podem ocorrer em seus lugares próprios.”

Outro aspecto observado foi a necessidade de intervenção no que diz respeito ao estreitamento do trabalho interdisciplinar, visto que o Serviço de Pedagogia ainda não participa sistematicamente das reuniões clínicas, junto com equipe de saúde, para discussão dos casos; não realiza até o momento registros no prontuário; não participa de visitas aos pacientes junto com as demais equipes e ainda não participa junto à equipe de enfermagem, da “passagem de plantão”, quando são repassadas informações dos estados gerais dos pacientes. Tudo isso certamente facilitaria troca de informações e desenvolvimento de estratégias terapêuticas e educativas integradas mais condizentes às necessidades globais dos pacientes e às necessidades dos próprios profissionais, no desenvolvimento de ações cada vez mais pertinentes à saúde integral, envolvida pelo atendimento às demandas de ordem física, psicológica e social dos indivíduos.

Por outro lado, pudemos constatar que a intervenção realizada permitiu às participantes a reflexão sobre a reformulação de suas práticas. Isso evidencia o papel da mediação, da formação continuada, e da pesquisa no levantamento de informações sobre a prática docente em hospitais. Como apontam Matos e Mugiatti (2008, p.115), “a construção da prática pedagógica em ambiente hospitalar, não pode esbarrar nas

fronteiras do tradicional. As dificuldades, muitas vezes, persistem porque não se conseguem ver nelas a oportunidade de uma atuação diferenciada, pois os valores e as condutas e ações estão ainda muito enraizadas nas formações reducionistas”.

A intervenção com a equipe participante da pesquisa possibilitou o desenvolvimento de competências de mediação, das concepções e atitudes na prática educativa. As participantes mostraram-se cada vez mais conscientes de seu desenvolvimento, ativas e autônomas durante o processo, o que nos permite considerar que houve impulso não só a formação continuada no âmbito profissional, mas pessoal e institucional em questão.

VI - Considerações finais

Pessoas em situação de hospitalização para tratamento de saúde têm direito garantido também a oportunidades de educação e desenvolvimento, daí a existência crescente das chamadas “Classes hospitalares” e “Brinquedotecas hospitalares”. No entanto, a efetivação e qualidade desse tipo de atendimento é um caminho a ser construído, considerando que muitos alunos-pacientes se encontram ainda em atraso escolar ou fora da escola. Esse quadro parece estar ligado a fatores diversos, entre os quais falta de políticas públicas e institucionais, mas também no que se refere à formação dos profissionais que atuam no ensino-aprendizagem desses alunos. Como defendem Encomienda e Mediana (2011), a formação e desenvolvimento de competências dos profissionais que trabalham com alunos e alunas hospitalizados é crucial para preservar a aprendizagem dos alunos e alunas hospitalizados.

O fato dos procedimentos no campo do atendimento pedagógico e psicopedagógico hospitalar serem bastante diversificados, já que abrangem enfoques de caráter terapêutico-recreativo e educacional (Vitorino, Linhares e Minardi, 2005), implica na necessidade de intervenção no que Matos e Mugiatti (2008, p.99) acreditam serem requisitos básicos no que se refere ao campo instrucional, como o desenvolvimento de um ensino bem planejado.

Em síntese, podemos dizer que a realização do Curso de Psicopedagogia e dessa pesquisa de intervenção trouxe subsídios importantes para a prática profissional de todos os envolvidos, inclusive da pesquisadora. A metodologia propiciou oportunidade

sistemática de discussão, de mediação, de reflexão e construção de estratégias de intervenção. Possibilitou a tomada de consciência e desenvolvimento de competências no que tange ao necessário movimento dialético entre teoria e prática; ação-reflexão; processos dialógicos e regulações cognitivas e por fim, a sistematização de todo o processo. Competência especialmente importante no campo psicopedagógico, para a qual a realização do presente relatório em muito contribuiu.

VII - Referências bibliográficas

- BOCK, A. M. B. (1997). Quem é o Homem na Psicologia. Revista Interfaces, Salvador, v. 1, n.1.
- BRASIL.(1988).*Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Imprensa Oficial,
- _____.(1995).*Direitos da criança e do adolescente hospitalizados. Resolução n.º 41*, de 13/10/1995. Brasília: Imprensa Oficial.
- _____.(1996).*Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*.Lei n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Imprensa Oficial.
- _____.(2001). Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Resolução CNE/ CBE nº 2 de 11/09/01. *Diário Oficial da União* nº 177, Seção 1E de 14/09/01, pp.39-40. Brasília: Imprensa Oficial.
- Cordazzo, S.T.D.; Vieira, M.L. (2007). A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. Estudos e Pesquisas em Psicologia. UERJ, RJ, ano 7, n.1.
- Covic, A.N.; Oliveira, F.A.N.(2011). O aluno gravemente enfermo. São Paulo: Cortez.
- Encomienda, F.J.B., Medina, M.J.L . (2011). Implicaciones de la acción educativa em espacios específicos de proyección profesional en España. Educação e Pesquisa, vol. 37. no.3, SãoPaulo.
- Fávero, M.H.; Oliveira, D. (2004).*A construção da lógica do sistema numérico por uma criança com Síndrome de Down*. *Educar, Curitiba*, n. 23, p.65-85.
- Fávero, M.H. (2011). A pesquisa de intervenção na psicologia da educação matemática: aspectos conceituais e metodológicos. *Educar em Revista*, Curitiba, no.se1.
- Fávero, M. H.(2012). A Pesquisa de intervenção na construção de competências conceituais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.17, n.1. p.103-110, jan./mar.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários a prática educativa* (12ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1994). *Pedagogia do Oprimido* (23ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Matos, E.L.M. & Mugiatti, M.M.T.F. (2008).*Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde* (3ª ed). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Ochoa, M.D. (1990). *Pedagogia Hospitalar: actividad educativa em ambientes clínicos*. Madrid: Narcea.
- Oliveira, V.B. (2002). *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pedroza, R.L.S. (2005). Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, v.17 – n.2, p. 61-76, jul./Dez.
- Pina Neves, R.S.; Fávero, M.H. (2012). A pesquisa de intervenção psicopedagógica: evidências sobre o ensinar e aprender matemática. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v.18, n.35, p.47-68, jan./abr.
- Quaresma, P.M.A. (2009). *A relação entre o brincar e o desenvolvimento infantil, segundo professoras*. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Psicologia. Faculdade Integrada do Recife, Recife.
- Queiroz, N.L.N.; Maciel, D.A.; Branco, A.U. (2006). Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paidéia*, 16 (34), 169-179.
- Saiz, I. (1996). Dividir com dificuldade ou a dificuldade de dividir. Em Cecília Parra e Irma Saiz (Orgs). *Didática da matemática: reflexões psicopedagógicas* (PP. 156-185). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Silva, D.N.H.; Dias, M.; Abreu, R. (2003). Brincadeira, linguagem e imaginação: modos da criança pequena “ler” e “escrever” sobre o mundo da cultura. In: Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição, 2, 2003, Belo Horizonte. *Anais*. Campinas: Graf.FE.
- Vieira, D. O. (2008). *A tomada de consciência no desenvolvimento de competências conceituais em professoras: uma pesquisa de intervenção com foco no Autismo*. 480 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília, Brasília.
- Vigotski, L.S.(1984). *A Formação Social da Mente*. Martinez Editora Martins Fontes.
- Vitorino, S.C.; Linhares. M.B.M.; Minardi, M. R. F. L. (2005). Interações entre crianças hospitalizadas e uma psicóloga, durante atendimento psicopedagógico em enfermaria pediátrica. *Estudos de Psicologia*, 10(2), 267-277.
- Wallon, H. (2007). *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes.

VIII – Anexos

Anexo 1- Transcrição das sessões de avaliação psicopedagógica institucional

Sessão de avaliação 1 (data: 15 de abril)

Local: Sala de aula da Pediatria Clínica

Início: 14:30

Término: 16:10

Total: 1:40

Participantes: E1 (Equipe de pedagogia 1), A1 (B., de 10 anos, 4º. Ano), A2 (índia C., de 5 anos), M2 (mãe índia) e ao final, início da mediação com A3 (G., 13 anos, 6º. ano).

A sessão de atendimento pedagógico começou a ser observada e gravada a partir do momento em que os participantes já se encontravam na sala de aula e E1 já havia distribuído atividades impressas em folhas para A1 e A2.

E1 para A1: “Você sabe o que é essa palavra?”- Referindo-se ao conceito de antônimo. A menina parece não se lembrar... dizendo:

A1: “Ééééé’.....” – Sem responder por um tempo. Até que E1, intervém:

E1: “Por exemplo, agradou é quando você faz alguma coisa que alguém gosta. Por exemplo, eu gosto de café e você traz um cafezinho para mim, você me agradou... você fez algo que eu gosto, que eu gostei! E quando você faz alguma coisa que eu não gosto? O que que você fez?”

A1: “Desagradou.”

E1: “Nossa, você ta show! Então, o antônimo de agradou, é?”

A1: “Desagradou!”

E1: “Isso! A gente ta estudando o que?” – A menina pensa e E1 responde pausadamente:

A1: “An-tô-nimo.”

Enquanto a menina passa a fazer os exercícios solicitados, E1 vai até a mesa em que está A2 (índia de 5 anos) e sua mãe:

E1: “E aí, pessoal?” – E pergunta o que a indiazinha está pintando e em seguida, à sua mãe como fala pato, na sua língua:

E1: “E como fala?” – Repete na língua indígena e depois fala a A2, apontando quantidades de patos e os números (verbalizando: “um, dois...”). A menina repete em português e ela elogia. A menina continua pintar e E1 volta à mesa de A1:

E1: “O antônimo de pequena, é...Gande?” E ri junto com a menina, enquanto corrige também a escritacorreta, junto com ela, dizendo pausadamente: “Gran-de.”

E1: “Olha, você sabe escrever, você está desatenta.” E ri, simpática, continuando:

E1 “Noite, dia!... E qual o antônimo de tudo?”

A1: “Mau.”

E1: “Mau! Não entendi! Eu tenho tudo... e o contrário de tudo, é?” – A menina não responde.

E1: “Antônimo é o contrário, né? Fala o contrário de bem...”

A1: “Mau.”

E1: “E o contrário de tudo?”

A1: “Mau!”

E1: “Não! O que que é tudo?”

A1: Silêncio.

E1: “Por exemplo, você tem todas as cores (pega coleção de lápis e mostra a menina), você tem tudo. E agora? (não pega nenhum lápis).

A1: “Nada!”

E1: “Uaaallll! Muito bem!” – Passa para próxima tarefa, impressa também na folha de exercícios, e pergunta:

E1: “Você lembra do diminutivo?”

A1: “Não.”

E1: “Aumentativo...”

A1: “Não.”

E1: Expressão de surpresa e depois, a menina completa:

A1: “Quer dizer, um pouco!”

E1: “Então ó: você é uma gata, mas eu posso te chamar de gatinha... eu posso te chamar de ...gatona?! – Verbaliza de forma afetiva, sorrindo e a aluna ri junto, parecendo descontraí-la. Riem juntas... e continuam, com lápis e borracha, a

corrigirem juntas as demais palavras, como presentão-presentinho, cão-cãozinho, ... Depois passa a corrigir outra parte de exercícios, que é de separação de sílabas:

E1: “Vi que você separou...o...N!!! (espécie de entonação sugerindo suspense, como se brincasse vez em quando, com a voz, o que gera sempre um sorriso, da menina) – E continua: “O n, ele não fica sozinho na separação de sílabas,ta?”

A1: “Ah, é...”

E1: “Ah, você tinha esquecido, só, né? Às vezes a gente esquece mesmo. Esse daqui, fica...trou-xe. E vai para a mesa da índia, pedindo que a mãe a ajude colocar seu nome e o dia de hoje, volta para A1:

E1: “Vamos lá, só falta mais dois, heim?! Lê para mim, por favor!” – A menina lê o enunciado do próximo exercício e ao terminar, a professora pergunta:

E1: “Você sabe o que é sílaba tônica?”

A1: “Eu lembro que eu vi isso no colégio...”

E1: “O que que você lembra mais ou menos?”

A1: A menina parece ficar pensando, sem responder.

E1: “Sílaba tônica é a sílaba mais forte! Por exemplo, aqui ta falando para seguir o exemplo, né? Lê para mim, essa palavra.” E aponta a primeira que aparece no exercício. Ela fala pausadamente. A professora pede para separar as sílabas das demais. E vai até a mesa das índias novamente, dizendo para a menina: “Isso!” E pergunta para sua mãe como fala parabéns. Ela então elogia na língua indígena e em português. Pergunta depois como fala obrigado. A1 presta atenção e também repete as palavras na língua indígena.

Neste momento, a mãe de A1 chega com o lanche. E1 pergunta se a aluna quer ir lancher no seu quarto e ela diz que não. E1 diz que é bom ir lavar as mãos, explicando que pegou no lápis, etc. A mãe passa a conversar sobre querer ir embora, por causa do outro filho, etc... A1 diz de repente:

A1: “É ruim estudar no 4º. Ano...” Ninguém lhe dá atenção e continuam a conversar sobre o desabafo da mulher, que fala um pouco de seu outro filho que está em casa. E1 escuta com atenção. A mãe de repente pergunta para a filha:

M1: “Posso tomar banho?” - E ao balançar a cabeça positivamente, a mãe sai as sala de aula e a aluna fica, lanchando.

E1 volta a interagir com A2, que está pintando uma atividade que tem desenhos e quantidades correspondentes (números). E1 sempre vai incentivando, dizendo: “Isso!” Ao perguntar que número é qual e apontando. A pequena índia responde em português até cinco. E1 comenta para sua mãe: “Ainda bem que você está aqui para me ajudar a conversar com ela! Riem todos juntos!” É um clima amistoso e tranquilo.

E1: “Como fala pintar?!” – Pergunta para índia mãe e ela repete. Passa a pintar com a indiazinha. Pela primeira vez ela “fecha a cara”, com semblante sério, olhando para a professora e para a mãe, parecendo contrariada... E1, depois um tempo, percebe e fala a todos que é porque pintou de uma cor diferente da que ela estava usando em seu desenho. Ri e os demais também. Após uma mediação de sua mãe, a índia se acalma e volta a pintar e a sorrir. E1 volta para A1:

E1: “Vamos lá? (e volta a utilizar as folhas com exercícios, corrigindo separação de sílabas) “Essas aqui ficam juntinhas, elas não conseguem viver sozinhas...”

E1: “Agora sim!” Não esquece dos acentos!” (Vai mediando enquanto a menina vai escrevendo, fazendo mais exercícios). E pergunta: “Dá para você escrever assim? Fica desconfortável, né? Ajuda a posicionar-se. E depois diz para a menina que um “l” está parecendo um “u”, pedindo para escrever bonitinho. “Você tem a letra tão bonita!

E1: Não separa, nem o “n” e nem o “a”. Muito bem! Nem o “l” também! E agora José?” Pergunta para a menina, que parece ir diminuindo o ritmo, a atenção na execução dos exercícios.

A1: “O que que foi, José?”

E1 e A1: Riem juntas e E1 responde “Nada!” Deixa mais uma vez a A1 fazendo exercícios e vai para mesa de A2.

E1: “Isso!” – Olhando os desenhos e pinturas de A2 e em seguida:

E1: “Agora a gente vai fazer assim, a gente vai recortar e vai colar... Ó: número um, um! Isso, agora... Isso, um! Dois! Como eu peço para ela repetir, falar!” – Para a mãe. – E fala na língua indígena, a ordem repetir/falar, mas o número, verbaliza em português. A menina repete os números em português, identificando as quantidades. A mãe ajuda nos comandos.

A2: “Três.” – A mãe ajuda, mostrando os dedos da mão.

E1: “Quatro!” – Dizendo o nome da menina e depois usando o comando em indígena:

E1: “Fala cinco!” – mostrando a quantidade correspondente.

A2: “Cinco.” – E ri.

E1: “Parabéns!!! Isso! Agora você pode brincar! Volta-se para A1:

E1: “Só mais essa né? Tô vendo que você ta bem cansada, né? O que queta pedindo aqui? Separe as palavras em sílabas... isso você já fez, né? Circule a sílaba tônica, o que que é sílaba tônica?”

A1: “A sílaba mais forte.” – Fala em voz bem baixa, com lápis na boca...

E1: “Isso, quero ver você falando. Tira o lápis da boca... Essa palavra, qual é a sílaba que sai mais forte? Te-le-fo-ne.”

Nesse momento, A2 vai saindo com sua mãe, sorridentes, despedem da professora, deixando as atividades em folha com ela. Ela despede-se também risonha, animada. Fala tchau também na língua indígena. A1 também fala. E1 volta para atividade com A1:

E1: “U-ru-bu... fala normal!”

A1: “Urubu.”

E1: “Qual que sai mais...mais tchan!”

A1: “Bu.”

E1: “Isso! Então a gente tem que fazer assim, pra terminar: te-le-fo-ne. Qual foi a sílaba, foi a primeira, foi a última, ou a penúltima?”

A1: “Essa aqui.”

Nesse momento, entra um aluno na sala (A3, de 13 anos, 6º. ano) com sua mãe. A professora me apresenta, lembrando que já havia falado dele. De fato, com entusiasmo, havia dito no início da aula, que tinha um aluno surdo-mudo. Sabia e verbalizou seu nome, reproduzindo-o em língua de sinais, com dificuldade, que foi superada, ao pedir ajuda ao menino. Sua mãe percebe que estão em aula e fala pro filho irem embora que vão atrapalhar. Ele sorridente, fica na sala. Auxiliar diz com gestos, que vai começar com ele, após terminar com A1. A mãe de A3 conversa um pouco na sala. E1 pega um livro no armário e lhe dá. Ele pega, olha, e vai para o armário ver outros livros. Depois anda pela sala, parece estar ansioso para fazer algo. Pega uma folha que acha encima da mesa de E1, olha, deixa-a, vai ao quadro, faz e executa uma conta de matemática. E1, que estava trabalhando com A1, vai ao armário,

pega uma folha com atividades de matemática e entrega ao aluno, que rapidamente, a leva para uma das mesas e começa a fazer, com entusiasmo e atenção.

E1: “Ah, você gosta de matemática!”

A1: “Eu gosto da escola, mas não gosto de estudar!”

E1: “E de matemática?”

A1: “Odeio matemática! Não gosto de matemática!”

E1: “Tadinha da matemática!”

A1: “Me estressa matemática!”

Mãe de A1 chega na sala e diz que a aluna precisa tomar banho para passar a pomada. E1 diz que já está acabando.

Enquanto isso, A3 faz contas usando os dedos. E1 escreve contas de vezes (tabuadas) no quadro, perguntando para ele, que responde corretamente com os dedos. Ela faz sinal de positivo com a mão, indicando para continuar a atividade.

Diz a A1 que quando ela for tomar banho, irá chamar o outro aluno, A4. (A mãe de A3 quando chegou na sala havia dito que tinha um menino perguntando se ele também ia ser chamado para estudar, era A4 – Ela diz que vai chamar depois porque ele é de série diferente). Continua mediando conhecimentos com A1, explicando o que é penúltima, após a menina mostrar dúvida. Explica também os outros conceitos, como:

E1: “Antepenúltima, olha só! Ante-penúltima...” – E mostra na própria palavra da atividade.

Ao apontar resposta correta, com a explicação, a professora a parabeniza, dizendo que precisa ir tomar seu banho e passar o remédio. Ela diz querer terminar a tarefa e partem para outra atividade, envolvendo conceitos de masculino e feminino:

E1: “Padrinho- madrinha... bode?”

A1: Silêncio

E1: “Leite de vaca, leite de...”

A1: “Bode!” Riem!

E1: “Bode não dá leite...ri...cabra!” - risos – “Feminino de bode é cabra!” A aluna escreve e ela:

E1: “Oche, cadê o “r”?” Tá parecendo criancinha! Caba!” Risos.

A1: “Cabra!” – Após concertar o erro.

E1: “Isso! E aqui: avó, avó é junto, né? Você achou que tava separando sílaba, né? De um exercício pro outro, né, acaba confundindo.”

E1: “E o dedo na boca?” – Lembra à aluna, que faz isso constantemente. Continua trabalhando as atividades, dessa vez, envolvendo o plural das palavras.

A1: “Filho, filha!”

E1: “Não, você ta falando masculino e feminino! Plural é diferente, por exemplo, você tem uma bola, se eu te der mais uma você vai ter quantas?”

A1: “Duas bola!”

E1: “Bolasss! Quase todas as palavras que são plurais, elas acabam com “s”. Quase todas, não são todas! Carro?”

A1: “Carros!”

E1: “Ah, tem que colocar aqui também os artigos, né... a bola, as bolas...”

E1: “Muito bem, garota! E esse aqui?”

A1: “Os carros!”

E1: “É isso aí!!”

Mãe de A1 passa na sala dizendo que vai descer um pouco e quando voltar vai tomar banho. A aluna responde: “Tá!”

A3 vem até ela, mostra a folha, ela diz muito bem!

Chega enfermeira, faz perguntas básicas a A1, se fez xixi, se passou a pomada, ..., e coloca-lhe o termômetro (a aula continua normalmente, inclusive a mediação dos conteúdos):

E1: “Vou só te explicar aqui, ta bom, o que é monossílaba... Mono, quer dizer, um. Escreve no quadro a palavra u-va.

A1: “Uva?”

E1: “Uva não vai ser monossílaba, porque você vai fazer assim: u-va, quantas sílabas tem?”

A1: “Duas!”

E1: “Então ela é? Di quer dizer duas. E tri?”

A1: “Três!”

E1: “Poli?”

A1: “Quer dizer, quatro?”

E1: “Ou mais... entendeu?”

A1: “Sapato!”

E1: “Sapato é o que?”

A1: “Isso aqui!”

E1: “O que é isso aqui?”

A1: “Trissílaba!”

E1: “Isso! A gente vai colocar assim, você escolhe uma palavra que seja monossílaba, uma que seja dissílaba, uma palavra que seja trissílaba, e mais uma que seja polissílaba., para a gente encerrar, pode ser?”

A1: “Um, um... mostra o espaço para resposta... ela lembra, uma sílaba só! Monossílaba!” E vai mediar junto a A3 com sua atividade, tirando dúvidas, escrevendo e ajudando com os dedos. A3 continua animado, fazendo suas atividades de matemática.

E1 volta na mesa de A1, olha suas respostas e fala:

E1: Você sabe tudo, garota! Estou impressionada! Recolhe as folhas e diz para ir com sua mãe, se cuidar, despedindo-se carinhosamente e lembrando para levar suas atividades para escola, caso tenha alta, no próximo dia.

Obs: A2 estava pintando desenhos que estavam indicados com números de acordo com a quantidade correspondente. A2, manteve semblante tranqüilo e sorridente durante toda a sessão (com exceção de um momento em que E1 foi ajudá-la a pintar e utilizou uma cor que ela não gostou). Sua mãe a acompanhou durante toda a realização da atividade, enquanto pintava um desenho fornecido por CE, também no início da sessão; riam juntas em vários momentos e conversavam em sua língua de origem.

Término da sessão, com as respostas às três perguntas:

1- Você tinha traçado algum objetivo anteriormente?

“A gente tinha o princípio mesmo das atividades que foram aplicadas, da separação silábica, da sílaba tônica, né..., da numeração de sílabas (monossílaba, dissílaba, trissílaba,...), tudo que fosse relacionado a sílabas e a escrita.”

- Ele foi alcançado?

“A princípio sim, observei que teve uma... é, uma absorção boa de tudo o que foi passado.”

3 – O que você conclui do seu atendimento?

“Ai... pessoalmente pra mim é gratificante porque eu vejo um avanço, né, tanto pra eles quanto pra mim, como profissional, quando eu vejo que tem um alcance... as vezes não do objetivo mesmo, diretamente, né, mas que tem algum ganho pra eles...e quando alcança o objetivo, pelo menos uma parte do objetivo que é o que a gente conseguiu aqui hoje, fica mais gratificante ainda e aí você começa a repensar e procurar se aperfeiçoar para o seu trabalho, melhorar, né?”

Sessão de avaliação2 (Data: 15 de abril)

Local: Sala de aula da Pediatria Clínica

Início: 16:10

Término: 17:38

Total: 1:28

Participantes: E1 (Equipe de pedagogia 1), A3 (G., 13 anos, 6º. ano) e A4 (A., 10 anos, 5º.Ano)

Essa sessão de atendimento pedagógico começou a ser observada e gravada a partir do momento em que os participantes já se encontravam na sala de aula: A3 fazia exercícios de matemática desde final da sessão anterior, conforme descrito, e A4 foi chamado por E1 para iniciar suas atividades escolares.

E1 interage amistosamente, com sorriso, dizendo que o nome do menino parece de artista, e ele também. Pergunta se ele canta ou dança... O menino sorri e diz que não.

E1 pergunta sobre as atividades escolares que o menino tem para fazer.

A4 confirma que sim, mas parece ficar em dúvida se são da escola ou não. Diz que estão em seu quarto e se quer que vá buscar... A professora as atividades, que são de matemática, impressas em folha, e pergunta-lhe se sabe multiplicação.

A4 responde que sim.

E1 entrega-lhe outras atividades, dizendo que se tiver dúvidas, pode chamá-la.

A4 passa a realizar os exercícios, incessantemente, um após outro, sem solicitar a professora.

A3 está também fazendo seus exercícios, com uma tabuada do seu lado, que a professora lhe forneceu. Utiliza constantemente os dedos para auxiliar na realização das contas.

Uma menina que aparentemente veio pegar um exame, aparece na porta da sala, observa os alunos fazendo as atividades e conversa com E1. E1 pergunta se ela quer fazer exercícios de matemática também. Ela responde que não é boa em matemática.

E1 – “Ah, não acredito, não!” – e conversa um pouco com ela, dando-lhe atenção. Pergunta onde mora, comenta que conhece um aluno de lá... Em seguida, a acompanhante da garota também vem a porta, e junto com a filha, despedem-se amistosamente da professora.

E1 senta-se ao seu lado de A3, observa os exercícios realizandose com uso dos dedos e da escrita, passa a ajudá-lo, comunicando números, sinais e operações; as vezes apontando também registros da tabuada.

Mães dos alunos e A1 entram na sala e conversam um pouco, falam da necessidade e vontade irem embora; comentam que as crianças têm possibilidade de receberem alta no dia seguinte... Comentam sobre resultados de exames... sobre a competência de uma das médicas... Os alunos permanecem realizando seus exercícios, aparentemente sem interferência no ritmo.

São 17:00, E1 pergunta para A4: “Está tudo certo, aí, fulano?” – E dá uma olhada nas resoluções que está fazendo. Ele responde que está e ela volta para mesa de A3, auxiliando-o.

O pai de A4, que passou a ser seu acompanhante, revezando com sua mãe, vem até a sala e pergunta a professora se tiver algum procedimento, como medir a febre,..., se elas vêm (referindo-se à enfermagem). E1 diz-lhe que sim, reforçando sua resposta de modo que parece transmitir confiança ao acompanhante, que retira-se, com semblante aparentemente mais tranqüilo, após despedir-se do filho, que também demonstra tranqüilidade e envolvimento nos exercícios.

A4 pergunta para professora se pode entregar-lhe uma folha de exercícios, que já terminou. Ela recolhe, guarda e continua com A3, mediando de forma que fica visível que a comunicação entre eles, tendo como “pano de fundo”, as atividades matemáticas,

está fluindo, pois ele faz gestos e expressões que indicam por exemplo, pedido de aprovação ou de auxílio e ela, por sua vez, de estar atuando nessas necessidades.

17:10 – A4 pergunta sobre um determinado problema, se é de mais ou menos...

E1: “Ah, se é de adição ou subtração?” – Sorrindo.

A4: “Éééé!” – Sorrindo.

E1 vai até sua mesa e o ajuda a pensar e perceber a operação.

17:15 - Mãe de A3 vem a sala para saber se ele quer lanche. O menino faz sinal de não, que quer continuar as atividades. A mãe comenta que ele é assim, que adora estudar, ir pra escola, que nunca deu trabalho para acordar cedo e se arrumar, fazer as lições, não gosta de chegar atrasado, que não faz outra coisa quando está fazendo as tarefas, que só tira notas boas; que sua escola chamou-a para falar sobre a inclusão na classe comum, que ela teve medo mas acreditou e viu que foi bom para ele; que todos gostam dele, pois ele é simpático com todos e que inclusive a professora havia ligado para saber dele e disse que está fazendo falta na escola... Curiosamente, também revelou que ainda não sabe a língua de sinais, mas comunica-se com ele e entende tudo.

Mãe de A4 vem despedir-se do aluno na sala, beija-o, abraça, ele permanece resolvendo seus problemas, com mesmo semblante tranquilo e envolvido nas atividades. Comenta com a professora que estão fáceis.

Entram médicos para falar com as mães e todos saem da sala.

17:25 - Entram enfermeiras, pedindo licença, indicando cuidado e respeito à aula; fazem brevemente alguns procedimentos e perguntas aos alunos e logo saem.

17:38 – E1 faz sinal de positivo para A3 e bate palmas, na língua de sinais. Menino sorri, olhando para a professora, demonstrando alegria e vínculo positivo com E1 e possivelmente com suas produções escolares, naquela tarde.

E1 vai até a mesa de E4, que também está finalizando. Comenta que achou fácil e E1 fala sorrindo, que vai trazer desafios no dia seguinte. Ele sorri, concorda e comenta que não lembra direito sobre frações. Ela diz que então irão trabalhar esse conteúdo na próxima aula... Despedem-se amistosamente.

Término da sessão, com as respostas às três perguntas:

1- Você tinha traçado algum objetivo anteriormente? Qual?

“Saber até onde ia seu conhecimento nas quatro operações matemáticas e resolução de problemas.

- Ele foi alcançado?

“Sim, ele foi alcançado.”

2- Você utilizou esse material. Ele foi adequado?

“Sim, trabalhamos com material impresso e atividades simbólicas.”

3- O que você conclui do seu atendimento?

“Concluo que sempre estamos ensinando e aprendendo e quanto foi frutífero e contribuiu para ver minhas limitações e aprimorá-las, principalmente diante do A3, que tem deficiência auditiva e eu não sei nada de libras. Na verdade ele foi muito paciente comigo e pareceu absorver bem o conteúdo trabalhado. Trabalhamos principalmente a multiplicação, vimos a relação da multiplicação com a adição e isso fez com que ele conseguisse executar a tabuada com números maiores, foi muito gratificante.”

Sessão de avaliação 3 (data: 16 de abril)

Local: Sala de aula da Pediatria Clínica

Início: 15:00

Término: 17:35

Total: 2:35

Participantes: E2 (Equipe de pedagogia 2) e A4 (A., 10 anos, 5º.Ano)

Essa sessão de atendimento pedagógico começou a ser observada e gravada a partir do momento em que os participantes já se encontravam na sala de aula. A4 foi chamado por E2 para continuar suas atividades escolares. Ao chegar na sala, E2 perguntou se A4 gostaria de desenhar no quadro, enquanto ela organizava as atividades, dizendo-lhe que sabia que ele gostava de desenhar... O menino aceitou

prontamente. Em seguida, chega na porta, sua mãe e pergunta se já iniciou a aula, pois havia chegado uma tia que queria ver o menino. E2 diz que pode ir, dizendo que volte depois...

E1 entra na sala e E2 pergunta-lhe como se faz a soma de frações de bases diferentes. E1 passa a explicar-lhe, utilizando desenhos e anotações no quadro. E2 comenta que não aprendeu isso na Faculdade e questiona:

E2: “Como posso ensinar isso aos alunos?”

E1 diz que aprendeu isso na matéria de matemática e E2 afirma ter feito a mesma disciplina, mas que o professor trabalhava com educação matemática lúdica e não tratou de conteúdos envolvendo fração.

Após E1 explicar no quadro, E2 diz:

E2: “Deixa eu ver se entendi...”

E1: “É bom desenhar, porque aí você visualiza melhor!”

E2: “Se só tem meia fração, como vou fazer? Como vou subtrair $\frac{1}{2}$ de $\frac{2}{8}$? Como faço isso sem desenhar?”

E1: “Não sei sem desenhar!”

E2: “Ah, eu passo atividade de português e você, de matemática!”

E1: “Para eles é mais fácil quando desenha...”

16:00 – Aluna voluntária chega na sala com atividades que desenvolveu com criança de 4 anos, no leito, a pedido de E1 (pintura de figuras envolvendo noções de Alto, baixo, fino, grosso, estreito, largo). A aluna comentou que faltou algo concreto para a menina poder comparar, que no leito não tinha muito recurso, disse que usou o dedo).

16:10 – E2 vai ao armário e diz que vai procurar atividades de português, dizendo que não pode ensinar algo que não sabe... Então prepara uma atividades, escolhe um livro, enquanto aguarda o retorno do aluno.

17:00 – Vai convidar o aluno e o traz para a sala de aula. Diz que vão estudar os pronomes e pergunta se sabe o que é. Ele afirma que sim.

E2 pede ao aluno que leia um texto. A4 se recusa, parece tímido. Ela insiste, e ele passa a ler. Ri em alguns momentos devido ao próprio texto.

E2 está sentada ao seu lado e lhe ajuda quando o aluno tem dificuldade em ler certas palavras.

A4 fala que tem dificuldade quando vai ler em voz em alta.

E2 diz-lhe que também tinha dificuldade, mas com treino melhorou.

Ao final da leitura, E2 faz perguntas sobre o texto e para auxiliá-lo em uma das respostas que mostra dificuldade, ela relê um trecho com ele, pedindo para prestar atenção. Ele descobre.

A4: “Muito bem, que sucesso!” Em seguida, ela pede para que ele leia o enunciado da próxima atividade.

A4: Lê, agora com voz mais alta e mais forte, parecendo mais confiante.

E2: “Sucesso, está de parabéns, um primor!” – Rindo, amistosa.

Enquanto ele faz atividades solicitadas pela professora, ela comenta sobre sua letra ser bonita. E continua mediando ao lado do aluno.

17:30 – Pergunta se sabe conjugar os verbos. Ela relembra os pronomes junto à conjugação. E vai ao quadro, escrevendo. Pede ao aluno para anotar.

E2 sempre faz perguntas no sentido de conhecer os conhecimentos prévios do aluno.

17:35 – Pede ao aluno para fazer a próxima atividade, que é uma conjugação do pretérito perfeito. Neste momento, tanto aluno, como a própria professora ficam em dúvida. E2 vai consultar o livro... Continua conjugando um verbo neste tempo.

O aluno boceja, parece cansado e sem motivação. Seu pensamento parece ir perdendo o vigor gradativamente, como se achasse sem sentido...

Numa das perguntas e comentário da professora, o aluno fala:

A4: “Então, eu falei isso!” – E ri.

Término da sessão, com as respostas às três perguntas:

1-Você tinha traçado algum objetivo para anteriormente?

“Sim”.

- Qual?

“O de que as matérias passadas fossem compreendidas pelo aluno. Os conteúdos aplicados foram: pronomes de tratamento, de intencionalidade e negação. também as pessoas verbais, 1º, 2 e 3º conjugação.

- Ele foi alcançado?

“Consegui explicar o conteúdo e pude perceber que o aluno compreendeu, pois foram passadas atividades e ainda pedi que citasse outros exemplos”.

2 - Você utilizou esse material. Ele foi adequado?

“Sim, fiz uso de atividades impressas, livros, quadro branco e pincel. Para exemplos usei a conversa trivial, o que facilitou a compreensão do conteúdo.”

3- O que você concluiu do seu atendimento?

“Eita, que pergunta difícil de responder (risos)!”

Concluo que mesmo hospitalizada e fora do seu ambiente costumeiro de aprendizagem as crianças conseguem aprender o que passamos para ela.”

Sessão de avaliação 4 (data: 17 de abril)

Local: “Salinha de recreação” (Brinquedoteca) da Pediatria Clínica

Início: 10:30

Término: 12:22

Total: 1:52

Participantes: E2, A4 e duas acompanhantes que aguardavam consulta a seus bebês, que não estavam internados.

Essa oficina (atendimento pedagógico) começou a ser observada e gravada a partir do momento em que os participantes já se encontravam na sala, assim como os materiais a serem utilizados no trabalho, que era relacionado ao dia do índio.

A4: “Só nesta folha tem doze!” – Comenta referindo-se aos doze círculos que estão desenhados numa folha, que ele tem na mão, para recortar.

E2: “A gente não terminou o verbo cortar ontem, né?” – Fala ao aluno, com sorriso, amistosamente, propondo primeiro que ele vá falando os pronomes e ela vai conjugando os verbos, no presente. Depois inverte.

E2: “Agora no futuro!” – E pede que ele vá falando os verbos. Ela vai ajudando-o, enquanto ele vai dizendo, animadamente, enquanto continua recortando os círculos.

O grupo conversa permanentemente, só param quando E2 faz mediações com A4, como esta descrita anteriormente.

Uma das mães permanece com o bebê, que é muito pequeno, no colo. A outra, que conversa bastante e participa ativamente da oficina, deixa seu bebê em vários momentos no chão. Ele tem por volta de 10 meses. Em um momento, a mãe o chama pelo nome.

E2: “Tá aqui tranquilo, brincando!”

E2 pergunta para A4 se ele sabe qual é o dia do índio. Ele não sabe exatamente e ela lhe diz.

Uma das mães pergunta a A4 quantos anos ele tem, que série faz e onde mora. Ele foi respondendo cada uma. A outra pergunta a data de seu aniversário. E comenta que tem um filho da sua idade.

A4: “Fiz doze!”

E2 pergunta para A4: “Vamos ver se já dá?”- referindo-se a quantidade de carinhas de índios, explicando aos participantes que precisam de quatro para cada criança que está internada, para cantarem a musiquinha do índio... E passa a cantar a música... estimulando todos a cantarem juntos.

E2 após contar junto com A4, a quantidade: “Não deu não, vamos fazer mais uma folha!” Ele prontamente, vai ajudando, animado.

Mães passam a conversar sobre o atendimento: sobre a demora para os médicos atenderem.

A mãe do bebê mais velho, está terminando de pintar uma máscara de índio, diz que aquele é “baitolo”. Essa e muitas outras brincadeiras surgiram ao longo do trabalho, que permitiu descontração e troca de ideias e valores, como será descrito mais adiante.

Todos riem. Em seguida fala para E2, chamando-a pelo seu nome no diminutivo, demonstrando vínculo afetivo: “A do meu filho está pronta!”

E2 pergunta a A4 que cor quer a sua pena e ele responde verde.

E2: “A outra também?”

A4: “Só tem rosa?”

E2: “O que tem, rosa?”

Uma das mães diz que “a onda agora é ser gay”, rindo.

A4: “Não é não!”- enfático.

Começam uma conversa sobre o uso da cor rosa para meninos, jovens e adultos e em seguida, as mães conversam sobre seus filhos e depois, namoradas deles. Discutem inclusive sobre a questão de ser ou não mais aberto aos filhos, conversando por exemplo, sobre sexo. Debatem a questão e outras relacionadas, contando histórias próprias de adolescência e tipo de educação recebida.

A4 muito participativo, vai aprendendo sobre uso de materiais como cola quente... (“Essa cola seca rápido!”)

Mãe mais falante novamente chama E2 por seu nome no diminutivo, dizendo que ela é muito inteligente, referindo-se aos trabalhos que realiza (Oficinas).

E2 vai desenhando as carinhas dos índios para distribuir às crianças.

Mãe comenta novamente sobre sua outra filha e a outra sobre a demora no atendimento.

Alunos do Curso de Saúde Coletiva vem à Brinquedoteca com enfermeira chefe, conhecer o espaço.

O bebê mais velho está novamente no chão. A4 continua colando as carinhas. De repente levanta-se e sai da sala saltitante, dizendo que já vem.

Chegam duas mocinhas, aguardam atendimento, sentam na mesa, observam o trabalho, conversam.

A4 volta rápido e senta-se na mesa, passando a fazer imediatamente o que estava fazendo antes, colando os materiais. Tem semblante calmo, feliz, sempre risonho.

11:30 – Pai de A4 chega na brinquedoteca com enorme sorriso, dizendo para o filho que ele vai assistir o jogo em casa. Aluno não demonstra tanto contentamento como o pai, continuando a atividade.

Mãe mais falante fala para ele que não está feliz de ir embora.

A4: “Também!”

Mãe bebê; “Também?”

A4 responde que também gosta do hospital. Ela pergunta por que. Ele diz que é de brincar, estudar...

11:35 – E2: “Sabiam que tem uma indiazinha lindinha aqui?”

A4: “A A2?”- Fala o nome da pequena índia. E diz ainda que ela tinha ido a um hospital (diz o nome) fazer um exame (O que sugere vínculos entre os pacientes).

11:40 – E2 canta música dos indiozinhos, animada. Mães acompanham com seus bebês, balançando-os. A4 olha intensamente para E2, parece envolvido pela canção e mediação de E2.

E2 diz entusiasmada que precisam fazer o barco da canção

A4 verbaliza que não sabe, mas curiosamente vem correndo novamente á mesa, senta-se, pega uma folha e começa a dobrá-la. Demonstra cada vez mais iniciativa e verbalizando mais com os participantes.

A4: “Minha pintura é feia! Não vou pintar não!” E2 diz não ser possível, pois diz ter uma letra muito bonita! E em seguida ele diz pegando um lápis de cor:

A4: “Posso pintar? Que cor?”

E2: “Ah, pode escolher, a que você achar que fica melhor! Pega o barco e faz uns motivos com caneta piloto de um lado, pedindo para ele fazer do outro.

A4: “Vai sair tudo torto! Vou estragar!” Mas passa, com coragem, a fazê-lo.

E2: “Tá vendo? Ficou ótimo!”- E lembra o menino de levar suas atividades escolares quando for embora.

11:58 – “Vamos ver se nossos índios estão todos prontos!” “Que lindo nosso bando de índios!” “Agora o jacaré!” “Deixa eu guardar esses materiais aqui...” E vai limpando e organizando a mesa, um pouco.

Fazemos algumas fotos e pergunto depois se ele vai fazer os motivos so barco do outro lado,iguais. Ele responde que não sabe e olha para E2.

E2: “Ah, diferente! Acho que você até já enjoou dessas cores!”

Enquanto o menino pinta e desenha do outro lado, ela passa a fazer um jacaré de palitos de sorvete.

12:02 – Pai do aluno o chama, ele sai saltitante.

E2 faz um cartaz com data e nome do dia do índio, para colocar no mural.

12:12 – Finaliza pregando-o no mural e diz que vai distribuir os indiozinhos confeccionados e as máscaras ás crianças do leito e cantar com elas a música, no dia seguinte.

12:20 – A4 aparece na Brinquedoteca, trocado de roupa para ir embora, senta na mesa, apesar dela estar quase sem materiais, parece querer estar ali... Depois vai almoçar no quarto com seu pai.

12:22 – E2 acaba de guardar todo material e limpa a “Salinha”, não há mais participantes...

Término da sessão, com as respostas às três perguntas:

1- Você tinha traçado algum objetivo anteriormente?

“Sim.”

- Qual?

“Meu objetivo inicial era o de fazer um pequeno teatro com o material produzido na oficina do dia do índio, mas por falta de crianças para participar da oficina ela acabou começando um pouco tarde e não foi possível fazer a apresentação de teatro nos leitos.

Um outro objetivo era uma conversa sobre os índios, sua condição atual e a opinião dos participantes da oficina sobre o tema. Como só tive um participante, conversei com o aluno sobre alguns desses pontos. Porém acho que poderia ter conversado mais a fundo.

- Ele foi alcançado?

“Logo acho que o objetivo foi alcançado parcialmente.”

2 – Você utilizou esses materiais, ele foi adequado?

“Os materiais usados foram adequados para a confecção da oficina.”

3 – O que você conclui do seu atendimento?

“Percebi que o paciente ficou bastante interessado em participar da oficina, pois era uma atividade lúdica onde ele pôde se expressar melhor dentro da sua timidez.”